



Departamento de Sociologia

A identidade na encruzilhada: jovens descendentes de imigrantes e os seus processos identitários

Alejandra Ortiz Scaglione

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, com especialidade em Sociologia Urbana, do Território e do Ambiente

Orientador:
Professora Doutora Beatriz Padilla
ISCTE-IUL

Setembro, 2010

Resumo

Este trabalho pretende descrever os processos identitários dos jovens descendentes de imigrantes africanos residentes na Área Metropolitana de Lisboa. A identidade destes jovens se constrói em várias frentes, desde a diferença e a semelhança, influenciada basicamente pelas culturas africanas e a portuguesa, assim como também por elementos sociais, culturais e geracionais. Estes jovens vivem nesta intersecção de pertenças, num *continuum* de negociações e resistências. Como estes jovens se auto-definem e como consideram que são identificados pelos outros? Quais os factores mais importantes que orientam seu processo identitário? São questões que analisaremos neste trabalho e que contribuem para a compreensão da integração destes jovens nas sociedades europeias.

O trabalho baseia-se em pesquisas etnográficas e quantitativas realizadas durante os anos 2007 e 2008 no âmbito do projecto de investigação europeu intitulado, “Para uma construção social de uma Europa jovem: a experiência da inclusão e exclusão na esfera pública entre os adolescentes imigrantes de segunda geração”, TRESEGY, cujo principal objectivo foi estudar os factores de inclusão e exclusão dos jovens de “segunda geração” em Europa.

Palavras-chave: Migrações, Identidade, Juventude, Pertenças

Abstract

This work pretends to describe the processes of identity/ies formation among the youth of African descent, living in the Lisbon Metropolitan Area. The identities of these youth is built out of many elements, between difference and similarities, influenced by the African and the Portuguese cultures, but also by generational, social and cultural elements. They live situated across the intersections of multiple belongings, along a continuum of simultaneous negotiations and confrontations. How do this youth identify themselves and how do others define them? Which are the main elements that influence their identity building? These are the issues that guide our analysis which pretend to contribute to a better understanding of the integration of these youth in the European societies.

This study draws on theoretical reflections on quantitative and qualitative data collected during 2007-2008 as part of the comparative European research project entitled “Toward a

social construction of an European youth: the experience of inclusion and exclusion in the public sphere among second generation migrated teenagers”, TRESEGY. The project focussed on the factors of in- and exclusion of second-generation migrants in Europe.

Keywords: Migration, Youth Identity, Hibridity, Belongings

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à minha mestre e amiga Professora Dra. Beatriz Padilla, por sua dedicação, motivação e rigor académico. Obrigada pela confiança, disposição e pelas muitas e produtivas conversas mantidas ao longo deste trabalho. Obrigada pela disponibilidade e pelo reconfortável debate teórico.

Agradeço em especial a todos os jovens, rapazes e raparigas que participaram nas entrevistas e nas actividades realizadas durante o verão. Agradeço também aos técnicos, instituições e em especial a *Associação Moitense Amigos de Angola*, pelo seu apoio e colaboração.

Agradeço à minha amiga Paula, professora de português, pelas suas sugestões e pela revisão do texto.

Agradeço por último e com muito carinho ao Sebastián pelo seu apoio incondicional e entusiasmo contagiante, e também à Valentina, nossa filha, pelos atrasos na chegada à escolinha.

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS TEÓRICOS	2
1.1 QUE SIGNIFICA SER FILHO DE IMIGRANTE? JOVENS DA SEGUNDA GERAÇÃO.....	2
1.2 A IMIGRAÇÃO NA SOCIEDADE PORTUGUESA	5
1.3 O QUE SIGNIFICA SER JOVEM?	6
<i>Teorias sobre juventude, cultura juvenil e consumos</i>	6
1.4 IDENTIDADE – TEORIA E CONCEITOS.....	10
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	15
2.1 MÉTODOS E TÉCNICAS	16
2.2 BREVE DESCRIÇÃO DOS BAIROS SELECIONADOS	17
2.3. MODELO DE ANÁLISE	18
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS QUANTITATIVOS	18
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA:	19
<i>Naturalidade, nacionalidade, família, educação e trabalho</i>	19
3.2 INTERPRETANDO IDENTIDADES	22
3.2.1 <i>Identidade geográfica</i>	22
3.2.2 <i>Auto-identidade</i>	23
3.2.3 <i>Identidade social</i>	26
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE ETNOGRÁFICO	28
4.1 CONSTRUINDO IDENTIDADES: ENTRE A DIFERENÇA E A SEMELHANÇA.	28
4.2 CARACTERÍSTICAS QUE DEFINEM OS JOVENS.....	29
4.2.1 <i>As semelhanças</i>	30
<i>Idade e género</i>	30
<i>Estilo de roupa</i>	31
4.2.2 <i>As diferenças</i>	32
<i>Origem/Naturalidade</i>	33
<i>Cultura</i>	34
<i>A cor da pele – Discriminação e Racismo</i>	35
4.3 PERFIS DOS JOVENS	37
4.3.1 <i>Aspectos orientadores da identidade</i>	38
a) <i>A naturalidade</i>	38
b) <i>A nacionalidade</i>	39
c) <i>A socialização</i>	41
d) <i>Discriminação</i>	43
4.3.2 <i>Pertenças e afinidades. Sobrevivendo ao um sentimento comum: ... não sou de lá, nem de cá</i>	45
a) <i>Afinidade portuguesa</i>	46
b) <i>Entre-culturas</i>	46
c) <i>Afinidade africana</i>	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS	55

Índice de figuras e quadros

Figura 3.1 – País de nascimento dos jovens descendentes de imigrantes.....	19
Figura 3.1 – Identidade social dos jovens por origem	26
Figura 4.1 – Características principais da identidade.....	29
Figura 4.2 – Aspectos mais importantes dos tipos de identidades.....	48
Quadro 3.1 – Nacionalidade dos jovens descendentes de imigrantes.....	20
Quadro 3.2 – Nível de escolaridade dos pais.....	21
Quadro 3.3 – Identidade comparada por origem (em média).....	22
Quadro 3.4 – Aspectos mais importantes da identidade comparada por origem.....	25
Quadro 4.1 – Jovens por tipos de identidade.....	45

Siglas

AML	Área Metropolitana de Lisboa
CIES	Centro de Investigação e Estudos de Sociologia
INE	Instituto Nacional de Estatística
ONU	Organização das Nações Unidas
PALOP	País africano de língua oficial portuguesa
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
TRESEGY	Toward a social construction of an European youth: the experience of inclusion and exclusion in the public sphere among second generation migrated teenagers
VA	Vale da Amoreira

Introdução

A identidade é um aspecto fundamental dos indivíduos. Ela define-nos e posiciona-nos no mundo social e através da mesma criamos as nossas pertenças, as quais são criadas e (re)criadas nela. As questões relacionadas com a identidade não remetem unicamente a dimensão psicológica dos indivíduos, mas também à dimensão social dos mesmos, sendo precisamente na interacção (na relação como os outros) que surge claramente a nossa identidade, diferenciando-nos ou aproximando-nos aos outros.

Tendo em conta o carácter dinâmico, complexo e contingente da identidade, hoje em dia, falamos de *processos* identitários, de uma identidade em contínua formação, de identidades múltiplas ancoradas em diferentes âmbitos. Nas sociedades modernas, os processos migratórios traduzem-se em espaços privilegiados para analisar a construção destas identidades, espaços esses onde a diversidade cultural, bem como a diversidade de pertenças, produzem situações ambíguas, particularmente quando as nossas pertenças se confrontam com as pertenças que os outros nos atribuem, mediadas pelos estereótipos dominantes.

O nosso trabalho baseia-se, portanto, na convergência de dois domínios teóricos específicos, as migrações e a juventude, sendo o nosso objecto de estudo, a configuração dos processos identitários e o nosso grupo observável os jovens descendentes de imigrantes africanos¹. O nosso objectivo é contribuir para a compreensão dos processos identitários destes jovens, caracterizar ditos processos, através da análise das dimensões sociais e culturais, através das semelhanças e diferenças. A perspectiva de género se tomara em conta na medida do possível durante toda a análise.

Os dados e a informação utilizada neste trabalho, como fora mencionado, procedem do projecto europeu TRESEGY², que decorreu no CIES durante os anos 2006-2009 e que tinha como objectivo explorar as experiências de vida dos adolescentes de *segunda geração* em

¹ Chamaremos africanos, mas especificamente nos referimos á Cabo-Verde, Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, países de língua oficial portuguesa (PALOP).

² O projecto TRESEGY, forma parte do 6th Framework Programme – *Integration and strengthening the European Research Area* - transcorreu em seis países Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha e Holanda, cujas populações alvo foram jovens descendentes de imigrantes entre os 15 e os 24 anos.

nove cidades europeias. Este trabalho de tese surge como consequência do desenvolvimento desse projecto.

Estruturalmente, no primeiro capítulo da investigação delimitamos o nosso campo teórico, onde é proposta uma reflexão dos parâmetros conceptuais que delimitam o nosso objecto de estudo, a imigração, a juventude e a identidade. Esta construção teórica inicia-se com a definição da chamada *segunda geração*, recorrendo a uma breve resenha da imigração em Portugal. Seguidamente discute-se o conceito de juventude e as principais correntes da sociologia da juventude. Por último, analisamos as teorias existentes sobre o tema da identidade. No segundo capítulo procedemos a uma descrição da abordagem metodológica e explicitamos as dimensões da análise que sustentam a construção empírica do nosso modelo de análise. O terceiro capítulo resume os resultados quantitativos, apresentando uma caracterização sócio-demográfica dos jovens e as suas famílias, analisando seguidamente a dimensão da identidade. O quarto capítulo centra-se nos resultados qualitativos, nas características fundamentais que formam parte dos processos identitários dos jovens as quais são sistematizadas através do dispositivo de análise utilizado.

Capítulo 1 – Aspectos teóricos

1.1 Que significa ser filho de imigrante? Jovens da segunda geração

A integração e o futuro da chamada *segunda geração* de imigrantes têm sido abundantemente analisados nos estudos sobre migrações nas últimas décadas na Europa e nos Estados Unidos, particularmente no que se refere aos padrões de comportamento que estes filhos de imigrantes, nascidos nas sociedades de *destino*³, seguiram no seu processo de integração. No entanto, nos países sem tradição imigratória, onde este fenómeno é relativamente novo, a sua teorização é mais limitada. Isto leva a que seja uma questão central quer em termos sociais, quer em termos políticos.

A teoria da assimilação clássica refere que os filhos de imigrantes, tal como os jovens em geral, na sua maioria, melhoram as suas condições sociais com respeito à dos seus pais e tendem a formar parte da sociedade maioritária, experimentando portanto uma mobilidade

³ Utilizaremos este termo, mas somos conscientes que se trata de uma mal chamada sociedade de *destino*, já que muitos dos jovens têm nascido nas *ditas* sociedades de *destino*.

ascendente. Embora o conceito de assimilação (Alba e Nee 2003; Gans 1992) diga respeito aos processos colectivos, não considera necessariamente as transformações a nível individual, sendo útil sobretudo na análise macro de como as minorias se inserem nas maiorias. Este conceito encontra-se, portanto associado em demasia a políticas estatais, no que se refere à regulamentação da integração das minorias, focalizado mais na dimensão social e económica da integração, do que na sua dimensão cultural.

Por seu lado, a teoria da assimilação segmentada (Portes 1996; Portes *et al.* 2006) argumenta que os filhos dos imigrantes seguem diferentes padrões de comportamento, não experimentando necessariamente uma mobilidade ascendente, o que significa que as suas condições sociais não necessariamente melhoram. O padrão a seguir dependerá em parte do acesso aos recursos para ultrapassar as dificuldades que a sociedade apresenta. A disponibilidade ou não destes recursos leva a que possam reproduzir a posição social e ocupacional dos seus pais e inclusive vivenciar uma mobilidade descendente, bem como uma melhoria das suas condições sociais. Como foi assinalado por vários autores, os estudos sobre migração tendem a concentrar-se nos aspectos que levam os imigrantes da *segunda geração* a experimentar uma mobilidade ascendente, não considerando o declínio que está assistindo a primeira geração de migrantes e como a análise deste fenómeno pode contribuir para a compreensão das teorias sobre assimilação e des-integração. (Gans, 1992, 2009).

O conceito de assimilação segmentada, contrariamente à teoria clássica da assimilação, mostra como pode suceder uma assimilação económica e social sem necessidade de um processo de aculturação (Portes e Zhou, 1993). Nas sociedades contemporâneas os processos de aculturação têm dado lugar a processos de hibridação e interculturalidade, à manutenção da própria cultura junto à aquisição da cultura circundante forma parte da nova realidade. No entanto, como será aprofundado mais à frente, o conceito de hibridação e de identidades híbridas encontra-se vinculado às teorias sobre racismo e pureza e tem conotações políticas associadas à hierarquização das “*raças/etnias*”. Sendo este conceito fortemente discutido actualmente, a sua abordagem pode vir a encobrir uma visão crítica da realidade social.

Paralelamente, a teoria da assimilação segmentada argumenta que manter fortes laços com a comunidade de origem por um lado, e manter os laços com a sociedade maioritária, são elementos importantes para experimentar uma mobilidade ascendente. Neste sentido as

chamadas “*segundas gerações*” encontraram-se em condições mais vantajosas, respeito de seus pais, em termos de uma *assimilação de sucesso* (Portes, 2006).

Contudo, as teorias de integração, tanto de assimilação clássica como de assimilação segmentada originárias nas sociedades norte-americanas, têm sido demasiado optimistas na sua concepção de uma integração não problemática, particularmente em relação aos filhos dos imigrantes. Segundo os últimos estudos sobre os filhos dos imigrantes, a assimilação entendida na sua acepção contemporânea não conduz necessariamente a melhores condições sociais nem a uma aceitação social. Quanto às diferenças *étnicas/raciais*, longe de desaparecerem, tendem a reforçar-se e a originar novas formas de marginalização e exclusão em relação aos pais. Hoje em dia, existem experiências concretas suficientes que vêm contrapor o modelo analítico predominante de assimilação = aculturação.

Dentro das críticas fundamentais que se apontam ao modelo, encontramos, por um lado, precisamente o processo de aculturação que traz implícito a transcendência das diferenças *étnicas/raciais*, substituídas pelas diferenças *culturais*, menosprezando as diferenças de classe e género, consideradas fundamentais nos processos de integração/inclusão de populações imigrantes. Por outro lado as teorias da assimilação encontram-se demasiado focadas na dimensão económica da integração, privilegiando os processos colectivos, sobre os individuais. Em certo sentido, pareceria que um sucesso de integração económica poderia ultrapassar todas as diferenças de classe, *étnicas/raciais* e de género existentes. O nosso contributo nesse plano será o de tentar analisar o tema da identidade dos jovens descendentes de imigrantes desde as suas pertenças culturais e sociais de forma indissociável, considerando ambas fundamentais. Devemos portanto focar-nos nos contrastes sociais e nos contrastes culturais sem que prevaleçam uns sobre os outros, como argumentado por Machado (2002) considerar a etnicidade, à partida, uma clivagem social mais importante que a classe leva a encobrir a diferenciação de classe que existe dos seus membros.

A própria utilização do conceito *segunda geração* tem sido amplamente discutido na Sociologia, já que esta denominação implicaria que os filhos adquiririam por herança a condição de imigrantes dos seus pais. Este conceito assumiria portanto que os filhos dos imigrantes só diferem dos seus pais em termos geracionais e representam uma segunda edição do mesmo fenómeno social (Padilla, 2005). Quando falamos de filhos de imigrantes, nascidos e socializados no país de *destino*, não estamos a falar de imigrantes de uma forma objectiva, já muitos deles nem sequer conhecem o país de origem dos pais nem tinham um projecto migratório próprio. Outros deles, dependendo do tempo de estância no país, (a chamada 1.25,

1.5 ou 1.75 geração) vieram como crianças no projecto migratório familiar, sem decisão própria. Isto significa que para eles não existe necessariamente *um outro país de referência ou de retorno*, pelo que não deveriam ver-se a si próprios como imigrantes, já que não o são.

Focando o nosso assunto, que refere a construção da identidade destes jovens, encontramos diversas situações. Como referido por Colombo *et al* (2009) a segunda geração de imigrantes, longe de ser uma extensão do seu “país de origem” e de suas “raízes tradicionais”, negocia e define suas identidades colectivas separadamente de sua cidadania étnica e cultural. Por outro lado, estes jovens adquirem símbolos identitários, tanto dos fluxos da cultura global como também de elementos dos seus países de origem e de *destino* (Soysal, 2000; Hall, 2003). Assim, negociam a sua identidade em várias frentes, produto da coexistência dinâmica de elementos da origem (nostalgia e memórias) da sociedade de *destino* (vida quotidiana) e da cultura global (símbolos culturais universais).

São estes jovens, filhos de imigrantes, nascidos no país de *destino* o nosso principal objecto de estudo, no que se refere à construção da sua identidade e aos factores mais importantes que orientam a sua complexa definição. Mas não se trata de qualquer filho de imigrante, são precisamente jovens, aos quais as diferenças *étnicas/raciais* fazem deles *imigrantes* aos olhos dos outros e da sociedade em geral. Convertendo-os em *outsiders*, embora tenham nascido e socializado em Portugal.

1.2 A imigração na sociedade portuguesa

Historicamente Portugal tem sido considerado como um país de emigração e, de alguma forma, continua a sê-lo (Justino, 2007). No entanto a imigração tornou-se nas últimas décadas cada vez mais importante. Na década do 60 chegam os primeiros imigrantes de Cabo Verde mobilizados pela grande demanda de trabalho existente, causada pela partida de muitos homens portugueses para a guerra do Ultramar. Nessa altura a população cabo-verdiana não era considerada imigrante, uma vez que vinham de uma colónia portuguesa, o que justifica que muitos deles tenham vindo com a nacionalidade portuguesa.

Contudo até meados dos anos 70, a maioria da população estrangeira era de nacionalidade espanhola ou descendente de imigrantes portugueses (Baganha, 2009). A seguir à Revolução de 1974, a situação mudou drasticamente. Com o fim da guerra colonial e a consequente independência das colónias, chegam a Portugal mais de meio milhão de nacionais portugueses

das ex-colónias africanas, os denominados “retornados” que provinham de Angola, Moçambique, Cabo Verde Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe⁴, sendo que também chegaram cidadãos vindos dos mesmos países que não possuíam a nacionalidade portuguesa. Um outro ponto de inflexão na imigração a Portugal coincide com a entrada do país na Comunidade Económica Europeia no ano 1986, tornando o país mais atractivo para a vinda de imigrantes. Junto aos “*tradicionais*” imigrantes provenientes dos países de língua oficial portuguesa (PALOP) e do Brasil, juntam-se imigrantes de outros países da Europa, sobretudo do Leste. Desta forma, nos finais da década dos 90 começam a chegar ucranianos, romanos e moldavos, bem como asiáticos, chineses, indianos, paquistaneses e bangladeshianos. Nesta altura soma-se também uma segunda vaga de brasileiros menos qualificados (Padilla, 2007)

A imigração em Portugal triplicou nas últimas três décadas, segundo os últimos dados provisórios⁵ para o ano 2009, Portugal conta com 454.191 estrangeiros concentrados nos distritos de Lisboa, Setúbal e Faro que em conjunto representam 70% do total de estrangeiros no país, sendo as maiores comunidades estrangeiras as provenientes do Brasil (25%), Ucrânia (12%), Cabo Verde (11%), Roménia (7%), Angola (6%) e Guiné-Bissau (5%). A tendência histórica da imigração em Portugal tende a constituir uma sociedade plural, onde convivam imigrantes e seus descendentes à semelhança de outros países da Europa de longa tradição imigratória. Neste Portugal plural, consequência dos recentes processos migratórios, surgem identidades múltiplas mas também “...*identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades*”(Woodward, 2005). Desigualdades inerentes à própria estrutura social e acentuadas nos contextos de imigração.

1.3 O que significa ser jovem?

Teorias sobre juventude, cultura juvenil e consumos

A juventude surge como actor protagonista na cena pública no mundo ocidental na segunda metade do século XX (1950-60) com o surgimento da sociedade pós-industrial. Segundo Feixa (2006) podem distinguir-se cinco factores que determinaram este surgimento. Em

⁴ Para uma análise mais exaustiva da imigração em Portugal, veja-se, Baganha, Márques e Góis (2009, 2004), Machado (2002, 2006), Malheiros (1996, 2005, 2007), Padilla (2004, 2005, 2006), Peixoto (2002, 2004, 2009), Pires (2002, 2003) e Rocha-Trindade (2001).

⁵ Dados do *Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo* do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, SEF, 2009

primeiro lugar, o surgimento do Estado de Providência, num contexto de crescimento económico, onde os jovens são um dos grupos mais beneficiado das políticas sociais. Em segundo lugar, a crise da autoridade patriarcal conduz a um alargamento da liberdade juvenil. Em terceiro lugar, o nascimento do *teenager market*, um espaço de consumo especificamente para jovens. Em quarto lugar, a emergência dos *média* contribuiu para a criação duma cultura juvenil, no sentido que os jovens passaram a identificar-se mais com outros jovens pela idade que pela classe. Por último, e em quinto lugar, a modernização no plano dos usos e costumes, tornou a moral menos rígida, mais flexível e consumista, sendo os jovens particularmente os detentores destas mudanças de costumes incluindo a revolução sexual.

Paralelamente, a juventude surge como sujeito de estudo sociológico, tornando-se numa *construção sociológica e cultural*. Trata-se da fase da vida individual desde que se deixa de ser criança (mudanças fisiológicas, puberdade) até ser reconhecido como adulto. Encontra-se assim demarcada por um lado por condições fisiológicas “*naturais*” e por outro por condições sociais. Se bem a base biológica é importante, o que realmente distingue cada jovem é a percepção dos outros (da sociedade) como jovem, portanto a inclusão na categoria dos jovens não é só determinada pela idade, mas também por ela. Segundo a Organização para as Nações Unidas, a juventude abarca os indivíduos entre 15 e 24 anos (ONU, 2002b).

Adicionalmente à idade, a juventude exige outras condições, como argumentado por Feixa (2006) “*Para que exista juventude, deve existir, por uma parte, uma série de condições sociais (nomeadamente, normas, comportamentos e instituições que distingam aos jovens de outros grupos de idade) e, por outra parte, uma série de imagens culturais (nomeadamente, valores, atributos e ritos associados especificamente aos jovens) ”*

Dentro da sociologia da juventude contemporânea co-existem duas tendências gerais na análise da juventude como sujeito de estudo. Aqueles autores que definem a juventude em termos etários como um grupo homogéneo, que corresponderia a uma fase da vida, associada portanto ao conceito de geração e, por outro lado, aqueles autores que associam a juventude a culturas juvenis heterogéneas, entendendo a mesma como um conjunto social diversificado, jovens em diferentes situações sociais.

Como refere Machado Pais (1993) “*A juventude pode ser entendida como uma “fase da vida” (corrente geracional) na transição a vida adulta, caracterizada pela assunção de responsabilidades e pela independência económica. Também pode ser entendida na sua corrente classista como uma cultura de classe, culturas juvenis definidas em termos de*

classe, associada a cultura de resistência". Neste sentido, o estudo da juventude e dos jovens contém duas abordagens complementares entre si. Um olhar como unidade homogênea relacionada à fase de transição para a vida adulta, associada à autonomia económica (trabalho remunerado), familiar (cônjuge e/ou filhos) e habitacional. Um outro olhar como diversidade, existindo muitas maneiras de "ser jovem", não necessariamente associadas à idade, nem à fase da vida, mas sim ao estilo de vida e sobretudo às novas formas de consumo e lazer.

No que diz respeito à transição para a vida adulta, devemos mencionar que actualmente existem diferentes transições dependendo da origem, do género e da classe social, entre outras variáveis. Como sublinhado por Machado Pais (1993) no seu trabalho sobre *Culturas Juvenis*, a transição do modelo linear: escola – trabalho – família, nas sociedades contemporâneas, "*converte-se num modelo yo-yo, de circulação por vários sistemas, entrando e saindo do mercado laboral e do sistema de ensino, criando uma situação de semi-dependência ou de independência intermitente*". Esta transição não linear resulta em parte das descontinuidades e do trabalho precário, tendo como consequência o atraso na independência/autonomia dos jovens, gerando muitas vezes sentimentos de frustração e desassossego.

A juventude e os jovens em particular conformam um dos grupos mais dinâmicos da sociedade, sendo muitas vezes os portadores das mudanças e os criadores de tendências. Então necessário e recomendável encarar a juventude na sua fase de rebeldia e resistência, como um laboratório de mudança das estruturas sociais, como um campo fértil para o surgimento de novas ideias e ideais. Como sublinha Heaven (2003) "*Se a infância representa a aceitação e a adulez o conservadorismo, a juventude representa a rebeldia*".

Cultura juvenil

Falar de juventude e de jovens implica também falar de *cultura juvenil*, ou culturas juvenis como referem alguns autores para sublinhar a heterogeneidade das mesmas.

Neste sentido, como as define Feixa (2006) as culturas juvenis "*se referem à forma como as experiências sociais dos jovens são expressadas colectivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre ou nos espaços intersticiais da vida institucional.*"

Uma característica dos estudos sobre as culturas juvenis e também sobre juventude é que tendem a ser vistas e analisadas em termos masculino, seguindo a penosa tradição na Sociologia de considerar os actores sociais, desde a classe operária até aos movimentos

sociais, como constituídos por homens, omitindo a perspectiva de género na sua análise. Esta “ausência da perspectiva de género” é em parte resultado da tradição histórica da reclusão das mulheres à esfera privada, onde passavam de dependentes na casa dos pais, a dependentes na casa do marido⁶. No surgimento das culturas juvenis, associadas portanto à virilidade e rudeza, conformada principalmente pelos “gangs” que proliferaram na cidade de Chicago no início do século XX (1920-30), as mulheres eram praticamente invisíveis. Actualmente com o desenvolvimento dos meios tecnológicos, nomeadamente a internet, existe uma massificação das culturas juvenis *“Em esta matriz, global e local, homogeneizante e diversificante ao mesmo tempo, as influências continuamente envolvem os estilos de vida, as performances, e as práticas sócio-políticas dos jovens”* (Kahn, 2004).

Quando nos referimos aos jovens descendentes de imigrantes africanos de bairros sociais, prevalece a sua associação a uma cultura juvenil problemática que envolve desde o insucesso escolar, o trabalho informal até distúrbios e conflitos, gangs, delinquência e tráfico de droga. Estes problemas sociais reforçados pelos meios de comunicação (Machado, 2007) tendem a estereotipar a todos os jovens, homogeneizando a sua identidade associada a conflitos e/ou problemas. Neste sentido, estes jovens se vêem obrigados, para além das dificuldades reais que sofrem no acesso ao mercado de trabalho e na conquista da independência, a lutar contra um estereótipo generalizado que associa a cultura juvenil imigrante a gangs e distúrbios⁷.

A era dos consumos

A cultura juvenil encontra-se directamente associada ao consumo e à comercialização de produtos culturais. As práticas ligadas ao consumo de produtos e bens culturais constituem uma área significativa quer da apropriação do mundo contemporâneo, quer da expressão da identidade (Vilar, 2009). Os consumos dos jovens relacionados quer com a alimentação, o vestuário, a música e as novas tecnologias, em particular a internet e o telemóvel, assumem uma dimensão fundamental na construção da identidade dos mesmos. No entanto, como mencionado anteriormente, ao associar a cultura juvenil a estas novas tecnologias de

⁶ Dita reclusão da mulher na esfera privada e a sua conseqüente reprodução dos papéis de género tradicionais, encontra-se presente ainda hoje nos jovens objecto de estudo, limitando a participação das raparigas nas ruas e nos locais de ócio, onde precisamente a cultura juvenil é expressada.

⁷ Durante o nosso trabalho de campo no bairro, se bem nos confrontámos com situações deste tipo, estas correspondem a uma minoria de jovens que, e inclusive dentro do bairro, se encontram perfeitamente identificados e não representam de maneira nenhuma o espírito geral dos jovens do bairro.

informação e comunicação corre-se o risco de homogeneizar a cultura juvenil, perdendo a sua diversidade. Pensando ao nível do vestuário, esta homogeneização é uma das características mais visíveis e óbvias na definição da juventude, sendo um dos critérios aplicados na definição da identidade juvenil na cultura ocidental (Heaven, 2003).

Paralelamente, as práticas de consumo nos jovens encontram-se muitas vezes relacionadas ao lazer e ao divertimento. Os produtos culturais “globais” são apropriados pelos jovens descendentes de imigrantes segundo lógicas próprias, associadas a elementos da própria cultura. Neste sentido, resulta interessante analisar por um lado em que medida “*a identidade étnica intervém na estruturação das práticas de consumo contemporâneas*” e por outro “*...(re)pensar os processos de atribuição de uma identidade étnica aos objectos produzidos em massa em circulação nos mercados globais*” (Vilar, 2009).

As teorias sobre cultura juvenil contemporâneas, associadas ao consumo, à urbanidade, ao cosmopolitismo e a estilos de vida globais tendem a criar “novas” desigualdades e processo de exclusão, excluindo aqueles jovens que não têm acesso aos bens de consumo juvenil nem aos meios tecnológicos necessários para pertencer a dita *cultura juvenil*.

1.4 Identidade – Teoria e conceitos

Existem diversas perspectivas teóricas no estudo das identidades, sendo um vasto campo de análise. Ao longo da história das ciências sociais, o conceito da identidade tem sido alvo de diferentes definições e abordagens. A nossa pesquisa centra-se no *processo da construção da identidade* e nos factores que se podem considerar orientadores dos comportamentos, atribuições e percepções deste processo. Para isso, se analisaram as características mais importantes da auto-representação, que chamaremos *auto-identidade* e da hetero-representação, entendida como a *identidade social*. Entendemos assim, a construção da identidade como um contínuo e inacabado processo de formação que relaciona a *auto-identidade* e a *identidade social*. Seguindo a definição de Hall (2000), consideramos que “*...as identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fracturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagónicas. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.*”

A construção da identidade é portanto um processo que envolve diferentes elementos. Por um lado, ao nível individual, envolve o conceito de “subjectividade”, os sentimentos, pensamentos, a experiência pessoal de cada um de nós, assumindo-nos como sujeitos. Precisamente “...a *“subjectividade”* sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu...os pensamentos, emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre quem nós somos” (Woodward, 2005). A subjectividade que nos torna sujeitos diferenciados também nos torna iguais a alguns e diferentes dos outros, conformando assim a nossa *auto-identidade*. Por outro lado a *identidade social* que se refere a uma pluralidade de “posições subjectivas” (raça, classe, etnicidade, sexo) que são abertas, instáveis e historicamente contingentes, como assinalado por Mouffe (1994) “...a *identidade (social)* é sempre contingente e precária fixa temporalmente na intersecção da posições do sujeito e dependendo de formas de identificação específicas” (Mouffe, 1994). Portanto, a *identidade social* abrange uma multiplicidade de dimensões, nomeadamente os grupos aos quais os indivíduos pertencem, podendo ser a identidade de género, religiosa, nacional, ideológica, profissional, de classe, etc. Importa, também assinalar que a *identidade social* se conforma nas relações com os outros, portanto como sublinhado por Vala (2003) “...a *identidade social* considera as *auto-identificações* e as *hetero-identificações*. Ambas identificações envolvem processos emocionais e de avaliação e se encontram mutuamente influenciadas.”, sendo a síntese de ambas o que define a nossa identidade.

Nas sociedades pré-modernas, a classe social era considerada a categoria principal de qualquer estrutura social, sendo uma força determinante na concepção da identidade dos indivíduos, a classe como determinante e geradora das relações sociais. Nas sociedades modernas não existe uma categoria central, mas sim uma pluralidade de “centros”. Existe, então, como argumenta Laclau (1990) um deslocamento dos centros “...há muitos e diferentes lugares a partir dos quais novas identidades podem emergir”. As novas identidades surgem, baseadas não só na classe mas também no género, na etnia/raça. Esta multiplicidade de *espaços* de identificação envolve diferentes contextos e diferentes significados sociais, o que leva a que “... em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais... representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos” (Woodward, 2005).

No contexto das sociedades modernas e sobretudo das migrações internacionais num mundo pós-colonial, *“as identidades parecem invocar uma origem que residiria num passado histórico com o qual elas continuarem a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver com a questão da utilização dos recursos, da história, da linguagem e da cultura para a produção não de aquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos.”* (Hall, 2000). Quando falamos de aquilo que nos tornamos, falamos de como somos representados e precisamente de como essa representação social afecta a nossa própria representação. A identidade tem a ver, portanto, não só com questões sobre *“quem somos”*, mas muito mais com questões de *“quem nos podemos tornar”* (Hall, 2000). Neste sentido a construção da identidade é sem dúvida um processo crucial para todos, mas é ao nível dos jovens e adolescentes que observamos a sua maior expressão, é precisamente nesta altura da vida que sucedem as transformações mais profundas ao nível emocional, sobretudo em termos de individualização (Nilsen, 1998), e ao nível social.

Identidade e diferença

Como mencionado anteriormente, a identidade expressa-se na diferença e na semelhança, sendo ambas importantes na sua definição. Quando falamos de identificar-se com um grupo determinado, é mais que pertencer e partilhar as características que o definem, é necessário que exista consciência dessa semelhança por parte dos membros do grupo e pelo próprio. A identificação com um grupo determinado, pode dar-se, portanto, ao nível pragmático (em termos de práticas semelhantes) e/ou ao nível simbólico (em termos de sentimentos de pertença). Neste sentido um jovem pode identificar-se com a sua comunidade de origem em termos simbólicos e com um grupo de jovens lisboetas de rap em termos de práticas sociais. As pertenças podem ser múltiplas e antagónicas, mas todas elas têm significados emocionais para os indivíduos moldando o comportamento dos mesmos. *“O indivíduo, ao identificar-se com o grupo, identifica-se com os atributos que ele próprio lhe atribui, assim como se dissocia das características que imputa a outro grupo”* (Saint-Maurice, 1997). Obtemos, assim uma relação dialéctica, construída na interacção entre o “eu” e o “outro” na semelhança e na diferença. Esta diferença radica na apropriação de sistemas simbólicos e de significado, sendo que os indivíduos ganham sentido na atribuição de significados. A construção da identidade, portanto aparece sob a forma de binómio “nós” e “eles”, nós somos nós por diferenciação de eles.

Identidade e poder

Como temos vindo a discutir, a identidade constrói-se na semelhança e na diferença. Esta separação envolve sempre uma relação de poder, podendo construir o “eles” negativamente através da exclusão ou marginalização de aqueles que não formam parte do “nós” e não partilham os nossos significados (etnocentrismo). Como argumenta da Silva (2005) “...*dividir e classificar significa também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados*”. Podendo atribuir arbitrariamente a uma identidade a condição de “normal”, utilizar essa identidade como parâmetro de comparação para avaliar as outras identidades.

A identidade étnica também se configura em relação ao poder. Em sociedades hierarquizadas, o não-poder da etnia não se corresponde com a sua minoria, mas sim com a sua racialização. Como expressado por Murji & Solomons, citado por Joel Windle (2008), a racialização é entendida nos processos ou situações culturais e políticas, onde a raça é envolvida como uma explicação ou no sentido de significado. Por outro lado uma etnia, o grupo étnico, é entendida como indivíduos que partilham as mesmas características e os mesmos padrões culturais que os distinguem de outros grupos, demarcando uma fronteira real e simbólica entre os indivíduos pertencentes à etnia e os outros não-étnicos. Assim, quando falamos de etnia, devemos ter em conta as relações hierárquicas que o termo implica, sendo inclusive utilizado como princípio organizador de comportamentos e atitudes para com os imigrantes. A etnia só é reconhecida numa relação de poder, sendo-lhe apontadas características inferiores.

A nossa análise centra-se na identidade dos jovens, partindo das suas diferentes pertenças, entendidas quer em termos sociais, quer em termos culturais (*étnicos/raciais*). Importa ressaltar que embora existam traços comuns aos jovens, os quais nos permitem, em termos analíticos, reconhecer diferentes identidades, nas questões da identidade como noutras questões sociais, estamos sempre frente a uma realidade dinâmica e contingente.

Identidade híbrida ou “mistura” de? – Significado e críticas

Analisaremos agora, o conceito de hibridização no sentido de *identidade mista*, numa tentativa de compreender os significados que se encontram aquém deste conceito. Têm surgido diversas discussões à volta do conceito de hibridismo, quer da cultura híbrida, quer da identidade híbrida, como características das sociedades contemporâneas. Estes conceitos representados como os modelos das sociedades contemporâneas interculturais devem ser analisados também em termos de pós-colonialismo e globalização. É precisamente nas

sociedades pós modernas caracterizadas por processos de globalização, interculturalidade, diáspora e mobilidade, que a identidade híbrida denota a “*identidade do futuro*” que segundo autores como Jin Haritaworn (2009) transgrede conceitos como raça e abole o racismo. Mas estas identidades mistas (híbridas), quer *raças/etnias* mistas, quer culturas mistas, acabam por encobrir diferenças mais estruturais de género e de classe que ainda hoje continuam a produzir desigualdades. Não pretendemos sobrevalorizar as diferenças de classe e género em detrimento das diferenças *étnicas/raciais*, mas sim chamar a atenção sobre a importância de todas elas na configuração das desigualdades e na construção da identidade.

Na sua aceção clássica, o conceito “híbrido” pode ser entendido como sublinha Young (1996) em dois sentidos: por um lado, como a descrição de uma combinação de elementos diferentes e, por outro, como um processo, onde um espaço de descontinuidades é construído. Embora se trate de um conceito que apresenta um importante desafio às noções essencialistas de etnicidade e de identidade, a sua utilização concentra-se nos aspectos culturais, mais do que nos aspectos sociais, de desigualdades e exclusão. Neste sentido, pressupõe, como assinalado por vários autores entre eles Anthias (2001) transcender as “*antigas diferenças étnicas*” constituindo formas culturais transversais, ocultando as hierarquias culturais existentes. A identidade híbrida é construída basicamente em termos culturais, sem considerar praticamente a importância das diferenças de classe, de raça e de género. Encobrendo precisamente as hierarquias raciais e as relações de poder, este conceito tem sido utilizado nos discursos políticos para descrever uma realidade social multirracial e intercultural que longe de ser o resultado “natural” em contextos de imigração e de relações pós-coloniais é socialmente construída por conveniência da cultura dominante. Estamos frente a uma hibridização tranquilizadora (Canclini, 1995), onde as diferenças culturais prevalecem, encobrendo as desigualdades sociais. Este optimista e atractivo discurso sobre hibridismo, associado aos conceitos de diversidade e pluralismo, conceitos todos bastante positivos, serve segundo Chow (1998) para erradicar questões políticas e históricas sobre desigualdades e passados coloniais, ignorando a pobreza e a dependência económica que persiste nas sociedades recentemente tornadas independentes. Nesta mesma linha, a crítica realizada por Spivak (1999) refere que o conceito de hibridização, em termos de resultado das migrações, remete principalmente para as metrópoles, desviando a atenção do sul, a falta de interesse nas diferenças económicas e políticas existentes, permitindo o surgimento do hibridismo como resultado da pós-modernidade.

Em definitiva, em contextos de migração, pecando por ser demasiado simplista e utilizando conceitos “ultrapassados” na conveniência de alguns, as periferias emigram para os centros, do campo à cidade, do sul ao norte, da África à Europa. Os centros vêem-se confrontados com este fenómeno e têm que reagir de acordo com essa realidade: já não se trata de controlar as fronteiras, trata-se dos filhos e netos dos que chegaram, dos que nasceram, socializaram e estudaram no centro mas que são oriundos da periferia, surgindo assim novas desigualdades. Para tentar manter a estabilidade social, política, económica os governos e as agências internacionais estabelecem novas estratégias e novos termos são criados ou recriados pela academia. Neste sentido a utilização do conceito de hibridismo pretende a aceitação de uma interculturalidade pacífica, carente de hierarquias culturais ou sociais, transcendendo às antigas relações coloniais. Neste sentido, processos de hibridização e racialização complementam-se, encobrendo as diferenças de classe e género que devem ser analisadas com maior profundidade. Consequentemente, questionamo-nos, e seguindo o argumento de Hutnyk (2005), sobre se o conceito de hibridismo não será utilizado como uma nova ferramenta conceptual para desviar a atenção, numa tentativa de manobrar as consequências culturais da globalização e do pós-colonialismo. O hibridismo e o pluralismo, na actual distribuição mundial do poder só podem confirmar e reforçar as hierarquias existentes.

Capítulo 2 – Metodologia

Como mencionado anteriormente, os dados analisados derivam do projecto europeu de carácter comparativo TRESEGY, que utilizou por um lado uma abordagem quantitativa e por outro uma aproximação etnográfica. O trabalho foi realizado em duas etapas: numa primeira etapa quantitativa, foi aplicado um inquérito em forma de questionário a jovens nacionais e descendentes de imigrantes. Numa segunda etapa qualitativa, tomando como ponto de partida os resultados dos inquéritos, foram realizadas observações e entrevistas em profundidade aos jovens descendentes de imigrantes.

De acordo com critérios pré-estabelecidos foram seleccionadas duas zonas na área Metropolitana de Lisboa (AML)⁸. Na Moita, o bairro de Vale da Amoreira (VA) e na Amadora, os bairros 6 de Maio, Estrela de África e Novas Fontainhas⁹.

⁸ Ambas zonas estão maioritariamente habitadas por imigrantes dos PALOP de longa data, contando com uma alta percentagem de população jovem entre os 15 e 24 anos.

⁹ O bairro Estrela de África foi demolido e seus residentes realojados noutros bairros.

Uma das maiores dificuldades na composição da nossa amostra refere-se à definição da chamada *segunda geração*, sendo que a forma da utilização da mesma ficou sob decisão de cada equipa. Para além das discussões filosóficas existentes e da controvérsia à volta do conceito, em termos operacionais utilizou-se o seguinte critério: integram o subgrupo que chamaremos “descendentes de imigrantes” os jovens que cumpram uma das duas seguintes características, ter nascido fora de Portugal ou ter nascido em Portugal mas tendo pelo menos um dos pais que tenha nascido fora de Portugal.

2.1 Métodos e técnicas

No que se refere à metodologia quantitativa, foi elaborado um questionário que inclui questões sócio-demográficas, família, escolaridade, trabalho, condições de habitação, sociabilidade, actividades, identidade, discriminação, expectativas e futuro. Trata-se de um questionário basicamente de carácter qualitativo com algumas variáveis em escala de Likert, que serão consideradas como quantitativas. No total o questionário conta com 63 perguntas, sendo a maior parte delas fechadas e algumas abertas. A aplicação do mesmo teve lugar entre os meses de Outubro de 2007 e Fevereiro de 2008. No total realizaram-se 567 inquéritos, dos quais 264 são jovens de origem nacional e 303 são jovens descendentes de imigrantes. Para a análise dos dados foi utilizado o sistema estatístico SPSS.

Os inquéritos foram aplicados a alunos nacionais e descendentes de imigrantes dos cursos do 9º ano ao 12º, incluindo cursos técnicos das escolas e associações sociais dos bairros¹⁰. A aplicação dos inquéritos nas escolas trouxe algumas restrições em termos de jovens. Se bem por um lado, a nossa amostra contém jovens nacionais e descendentes de imigrantes de similar posição socioeconómica, sendo isto um pré-requisito para poder efectuar uma análise comparativa, pelo outro lado, não contempla jovens que se encontram fora do sistema de ensino, quer por questões de abandono escolar, quer devido ao facto de terem entrado precocemente no mercado de trabalho. De qualquer forma, estes jovens foram tidos em conta na abordagem qualitativa.

¹⁰ As escolas seleccionadas foram: Escola Secundária da Amadora, Escola Azevedo Neves, Escola Fernando Namora, Escola Secundária Baixa da Banheira, Escola Mouzinho da Silveira e Escola 2+3 Vale da Amoreira e as Organizações: Associação Moitense Amigos de Angola, a Iniciativa Bairros Crítico, o Centro Social 6 de Maio e o Programa Escolhas *Anos Ki Ta Manda*.

No que se refere à metodologia qualitativa, realizou-se um trabalho etnográfico, onde foram utilizadas técnicas de entrevistas em profundidade, observação participante, diários de campo e participação em workshop que envolveram vários níveis de participação em actividades com os jovens. As observações realizadas foram focadas em diferentes aspectos, como a interacção entre rapazes e raparigas, entre os jovens e os seus professores, práticas quotidianas, consumos, vestuário, expressividade, atitudes, comportamentos e hábitos. O trabalho etnográfico foi realizado durante os meses de Junho a Setembro de 2008. No total realizaram-se 21 entrevistas em profundidade a jovens entre os 15 e os 24 anos, 13 raparigas e 8 rapazes, todos eles, à excepção de três, participaram das actividades de verão organizadas pela *Iniciativa Bairros Críticos* no bairro. As entrevistas tiveram uma duração aproximada de uma hora e foram feitas com uma guia de orientação, onde se especificaram os tópicos a tratar. Todas elas foram gravadas.

2.2 Breve descrição dos bairros seleccionados

Em termos gerais, comparando ambas zonas, os bairros da Amadora encontram-se ao norte do rio Tejo, muito próximos de Lisboa e bem servidos de transportes públicos, são bairros de origem clandestina que incluem construções antigas e muito precárias, a maioria da sua população é oriunda de Cabo Verde. Existem várias escolas secundárias na zona frequentadas pelos jovens. No que diz respeito ao Vale da Amoreira, na Moita, este encontra-se ao sul do rio Tejo mais longe de Lisboa e com um deficiente serviços de transportes, trata-se de um bairro, mais isolado em termos de localização e claramente menos próximo de Lisboa. O bairro é um realojamento com prédios altos e antigos, contando com espaços amplos e com uma única escola secundária, que concentra a maioria dos jovens do bairro. Sua população é de origem mista. Em ambas zonas existem associações e instituições públicas que têm sido a nossa referência e a nossa porta de entrada para o contacto com os jovens.

A aplicação do inquérito realizou-se em ambas zonas (Amadora e Moita) enquanto a análise etnográfica (observação e entrevistas) realizou-se no bairro Vale da Amoreira exclusivamente.

O bairro Vale da Amoreira constituído por um total de 12.358 habitantes, segundo dados do INE (Censo 2001). Até ao ano 1974 teve um crescimento populacional muito lento. Durante a década de 70 deu-se uma violenta explosão demográfica devido ao facto de ter recebido grande parte dos nacionais *retornados* das ex-colónias. Esta explosão demográfica permitiu

um rejuvenescimento da população o que faz com que actualmente 40% dos habitantes sejam jovens com idade inferior a 25 anos. Por outro lado, o Vale da Amoreira é um *bairro misto* e multicultural, cuja população é constituída por cerca de 55% descendentes de portugueses e 45% descendentes de africanos, dos quais 50% são de origem angolana, 30% de origem cabo-verdiana, 10% de origem guineense, 8% de origem moçambicana e 2% de origem santomense¹¹. Paralelamente, o Vale da Amoreira conta com algumas restrições quer estruturais, quer físicas como sejam a falta de espaços públicos, nomeadamente parques, jardins, cafés e zonas comerciais e por outro lado escassos transportes públicos, que influem negativamente no desenvolvimento social sobretudo dos jovens do bairro. O bairro conta no entanto com várias iniciativas sociais (Projecto Escolhas, Projecto Vale Esperança e Projecto Bairros Críticos) mas tem sido menos estudado que outros bairros emblemáticos da zona da Amadora.

2.3. Modelo de análise

O nosso modelo de análise tem duas dimensões principais: por um lado, analisar as características orientadoras da identidade dos jovens nas semelhanças e nas diferenças, através da *auto-identidade* e da *identidade social*. E por outro analisar a identidade dos jovens em duas frentes, na cultura africana e na cultura portuguesa.

Paralelamente, constrói-se uma tipologia, onde se reconhece a importância dos vínculos, quer materiais, quer simbólicos que os jovens desenvolvem.

Capítulo 3 – Análise dos dados quantitativos

Neste capítulo serão analisados os resultados dos inquéritos realizados aos jovens nacionais e descendentes de imigrantes nos bairros do Vale da Amoreira, 6 de Maio, Novas Fontainhas e Estrela de África numa perspectiva comparada. No início apresenta-se uma breve descrição dos aspectos socio-demográficos, seguindo-se uma análise descritiva da identidade, quer da *auto-identidade*, quer da *identidade social*.

¹¹ Dados proporcionados pela Junta de Freguesia do Vale da Amoreira, no ano de 2007

3.1 Caracterização da amostra:

Naturalidade, nacionalidade, família, educação e trabalho

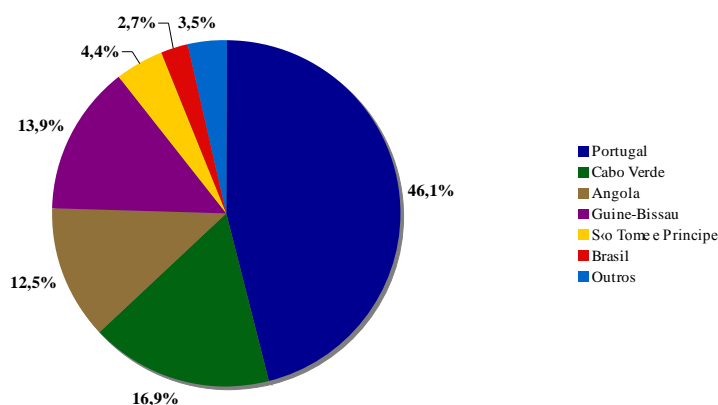
A amostra é constituída por 567 jovens, dos quais 264 são jovens de origem nacionais e 303 são jovens descendentes de imigrantes. Em termos de género, 60% são raparigas que correspondem a 336 casos contra 40% de rapazes que correspondem a 226 dos casos. Esta relação do predomínio do género feminino face ao género masculino mantém-se quase inalterável respeito a ambos subgrupos de jovens nacionais e descendentes de imigrantes.

Considerando a idade, a maioria dos nacionais (86.4%) e em menor percentagem dos descendentes de imigrantes (62.8%) tem entre 15 e 18 anos. A média da idade para os nacionais é de 17.0 e para os imigrantes é de 17.9. Com respeito ao género, a distribuição é similar, sendo as raparigas mais representadas na idade entre os 15 e 18 anos com 75.8% que os rapazes com 71.6%.

Considerando o país de nascimento dos jovens, observamos que no total dos jovens nacionais, 97% nasceu em Portugal o que corresponde a 254 dos 264 casos. Os restantes 10 casos dividem-se da seguinte forma: 2 nasceram em Angola e 2 nasceram na Suíça, um nasceu na Alemanha, outro na Guiné-Bissau, outro na África do Sul e outro no Canadá.

Quanto aos jovens descendentes de imigrante, os dados apresentam que 46% deles nasceu em Portugal, a chamada “segunda geração”. Fora de Portugal os três principais países de nascimento são, como era de esperar, as ex-colónias portuguesas, Cabo Verde (17%), Guiné-Bissau (14%) e Angola (13%).

Figura 3.1 – País de nascimento dos jovens descendentes de imigrantes



No que se refere a nacionalidade dos jovens descendentes de imigrantes, verifica-se que 47% tem nacionalidade portuguesa o que corresponde a 125 jovens. Para uma melhor interpretação deste valor, importa referir, no entanto que dos jovens descendentes de imigrantes nascidos em Portugal, existe um 6% que não tem ainda a nacionalidade portuguesa, sendo a maioria deles provenientes de Cabo Verde.

Quadro 3.1 – Nacionalidade dos jovens descendentes de imigrantes

	Imigrantes	
	N	%
Nacionalidade		
Portuguesa	125	47.0
Cabo-verdiana	61	22.9
Angolana	19	7.1
Guineense	33	12.4
Santomense	14	5.3
Brasileira	8	3.0
Outros	6	2.3

Com respeito à composição da família¹², vemos que cruzando esta variável pela origem dos jovens existe uma correlação significativa entre o número de integrantes da família e a origem dos jovens¹³. No subgrupo dos jovens descendentes de imigrantes a média corresponde a 5.15 integrantes por família, enquanto que a média para os jovens nacionais corresponde a 3.85. Neste sentido podemos afirmar claramente que os jovens descendentes de imigrantes inquiridos vivem em famílias alargadas, comparados com os jovens nacionais. Outro indicador que ilustra esta diferença, observa-se através da pergunta “*assinala as pessoas que vivem na tua casa*”, 77% dos descendentes de imigrantes (contra 57% dos nacionais) manifestam a presença de outros familiares, para além dos familiares directos (pais e irmãos) a morar na sua casa, mencionando principalmente, avós, cunhados e sobrinhos. Também em relação à família, devemos salientar que do total de casos (N=567), 308 (54%) vive com ambos pais e o restante 46% não vive com ambos pais, podendo viver com um deles ou com nenhum deles. Comparando por origem, do total dos que vivem com ambos pais, 63% são nacionais e só 37% são jovens descendentes de imigrantes. No que se refere a mãe, a maioria dos jovens, quer nacionais (92%), quer descendentes de imigrantes (76%) mora com a mãe. Mas, em relação ao pai, esta diferença aumenta, enquanto 76% dos nacionais mora com o pai, só 46% dos jovens descendentes de imigrantes mora com o pai. Por outras palavras, mais de

¹² Variável medida do número de integrantes da família, sendo o menor valor mencionado 2 e o maior 11

¹³ O valor do *Rho* de Spearman é $r=0,396$, $p < 0,0001$

metade dos jovens descendentes de imigrantes inquiridos não mora com o pai. As razões apontadas são: desconhecimento do pai, pais divorciados ou pai a morar noutro país.

Com respeito a educação dos pais, existem diferenças, quer em termos de origem, quer em termos de género. Comparando por origem, podemos afirmar que para todos os níveis de ensino analisados os valores mais elevados são obtidos pelos pais nacionais. Por outras palavras, a brecha (gap) educacional entre os pais nacionais e os pais imigrantes é significativa. As diferenças nas mães nacionais com respeito às mães imigrantes são sempre expressivas, enquanto as diferenças entre os pais nacionais e os imigrantes, são expressivas no ensino obrigatório e no ensino universitário. Comparando em termos de género, os dados apresentam diferenças significativas¹⁴. As maiores diferenças entre mães e pais, sempre a favor das mães, encontram-se ao nível secundário para os nacionais, e ao nível obrigatório para os imigrantes.

Quadro 3.2 – Nível de escolaridade dos pais (em percentagem)

	Nacionais		Imigrantes	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Sem escolaridade	4.9	6.8	14.5	9.6
Obrigatória	39.4	40.9	33.7	25.4
Secundária	25.4	20.1	15.8	19.5
Universidade	11.4	12.2	3.6	4.0

Com respeito à condição perante o trabalho dos pais, a grande maioria (70%) em ambos subgrupos encontra-se empregada, no entanto verificam-se diferenças no que se refere ao tipo de trabalho. Em termos gerais podemos afirmar que os pais nacionais têm melhores empregos que os pais imigrantes. Enquanto que os pais nacionais se concentram nas áreas dos serviços, técnicas e administrativas, os pais imigrantes concentram-se nos trabalhos não qualificados, nas limpezas as mães e na construção civil os pais. Resulta interessante assinalar que em termos de género, o mercado de trabalho para as mulheres encontra-se claramente segmentado: 20% das mães nacionais e 55% das mães imigrantes trabalham nas limpezas. Para o caso dos homens, apesar de existir uma alta concentração no sector da construção civil, o mercado de trabalho apresenta-se mais diversificado em termos de tipos de ocupação. Com respeito aos ingressos, cabe assinalar que uma grande parte dos pais de ambos os subgrupos recebe subsídios de desemprego (dados 2008), sendo esta situação mais comum no subgrupo dos imigrantes.

¹⁴ Para as mães o valor do $Chi^2=19.767$, $p < 0,001$ e para os pais o valor de $Chi^2=7.533$, $p < 0,05$

3.2 Interpretando identidades

Analisar a construção da identidade destes jovens é, como manifestei anteriormente, um dos objectivos centrais do nosso trabalho. Primeiramente, analisamos a identidade geográfica, que remete à identificação em termos espaciais, no sentido dos espaços de pertença. Seguidamente analisamos quais são as características fundamentais da própria identificação (*auto-identidade*) e da identificação que os outros fazem deles (*identidade social*).

3.2.1 Identidade geográfica

Em relação à identidade geográfica¹⁵ os dados apresentados confirmam que para todos os jovens inquiridos a identidade nacional (identidade portuguesa) é em média a mais importante, seguida da identidade associada ao lugar de residência (identidade local) e em terceiro lugar à identidade europeia. Com respeito à identidade estrangeira, mostra relevância quando observamos os dados agregados por subgrupos, sendo seu valor maior, como era de esperar, no subgrupo dos descendentes de imigrantes (2.95 contra 1.44).

Comparando ambos subgrupos, encontram-se também diferenças na identificação portuguesa. Os jovens de origem nacional identificam-se em média mais com o próprio país Portugal (4.15) enquanto que os jovens descendentes de imigrantes se identificam em média mais com a localidade onde moram (3.71).

Quadro 3.3 – Identidade comparada por origem (em média)

	Nacionais	Imigrantes
Identidade europeia	3,47	3,18
Identidade portuguesa	4,15	3,36
Identidade local	3,30	3,71
Identidade estrangeira	1,44	2,95

Outras variáveis que influem na importância deste tipo de identidade são: o ano de chegada e o país de nascimento. No que respeita ao ano de chegada, observamos que existem diferenças significativas na identidade portuguesa e na identidade estrangeira¹⁶, verificando que os jovens que chegaram há mais de 10 anos possuem em média uma identidade portuguesa maior que os jovens que chegaram nos últimos 5 anos. Em contrapartida, os jovens que

¹⁵ Esta identidade resulta de 4 variáveis, identidade europeia, portuguesa, local e estrangeira medidas em escalas de Likert (0-5) desde a menos importante a mais importante

¹⁶ Identidade nacional $F=10.490$, $p < 0,001$ e para a identidade estrangeira $F=11.687$, $p < 0,001$

chegaram há menos de 5 anos atribuem em média mais importância à identificação estrangeira que aqueles que chegaram há mais tempo.

Com respeito ao país de nascimento observam-se também diferenças significativas Na importância da identidade europeia por país de nascimento¹⁷, verifica-se uma média maior para os jovens nascidos na categoria “outros países”¹⁸ (3.83) e em segundo lugar os jovens nascidos em Portugal (3.47). Considerando os jovens nascidos fora de Europa, os que apresentam em média uma identidade europeia maior são os jovens nascidos em São Tomé e Príncipe e menor os jovens nascidos em Cabo Verde (2.65).

Quanto à importância da identidade portuguesa¹⁹, observamos que, como era de esperar, os jovens nascidos em Portugal são os que atribuem em média maior importância (4.03), e os jovens nascidos na Guiné-Bissau menos importância (2.79). Considerando unicamente os jovens nascidos fora de Portugal, observamos que os jovens nascidos em Angola (3.31) são os que em média se identificam mais com Portugal.

No que se refere ao caso da identidade estrangeira²⁰, deixando de lado os jovens nascidos em Portugal, observamos a maior importância da identidade estrangeira nos jovens nascidos em Cabo Verde (3.65) e Guiné-Bissau (3.59) e a menor importância nos jovens nascidos em São Tomé e Príncipe (2.70) e Angola (2.71).

Em termos de género, apesar das diferenças existentes não serem estatisticamente significativas, os dados apresentados mostram que os jovens do sexo masculino possuem em média uma maior identidade europeia e uma maior identidade local. As jovens do sexo feminino manifestam em média uma identidade estrangeira maior.

3.2.2 Auto-identidade

A auto-identidade, como mencionado anteriormente, refere-se aos aspectos com os quais os jovens mais se identificam. Segundo os resultados, verificamos que os aspectos relacionados com o “*ser jovem*” tendem a ser bastante importantes para todos os jovens, independentemente da sua origem. Estes aspectos geracionais sintetizam-se na idade, no género e no estilo de roupa. Considerando contudo unicamente o subgrupo dos jovens descendentes de imigrantes, podemos observar que outros aspectos apresentam-se importantes na auto-identificação, como a cultura, a origem, a religião e a cor da pele principalmente.

¹⁷ F=5,325; p <0,001 com um coeficiente *Eta*=0.261

¹⁸ Alemanha, Suíça, França, Inglaterra, Espanha, Dinamarca e Irlanda

¹⁹ F=13,698, p <0.001 com um coeficiente *Eta*=0.395

²⁰ F=7.287, p <0,001 com um coeficiente *Eta*=0.410 trata-se de uma relação moderada

Com vista a simplificar os resultados, procedeu-se a uma análise factorial em componentes principais (KMO=0,784, o que significa uma adequabilidade média), proporcionando uma solução de três factores ou componentes que permitem explicar 61,5% da variância total²¹.

Se bem a análise apresenta três factores diferenciados, a sua interpretação remete-nos a dois factores claramente identificados e a um terceiro que se bem é importante, a sua adequação resulta mais cuidadosa. Precisamente esta segunda componente contém um aspecto (a cor da pele) considerado na nossa interpretação dentro das características culturais, mas cujo valor o posiciona na segunda componente. No entanto, o valor que apresenta na primeira componente, menor a 0.5, em termos interpretativos se corresponderia nesta componente²².

Componente 1: Características de identificação cultural (cultura, origem, religião, “cor da pele”) que diferenciam os jovens dos outros jovens e que os assemelham aos pais. Existe portanto uma semelhança no sentido vertical.

Componente 2: Características relacionadas à sexualidade e à condição socioeconómica.

Componente 3: Características de identificação geracionais, relacionadas com o ser jovem (idade, género e estilo de roupa) de similitudes na partilha dos mesmos gostos e comportamentos. Esta semelhança dá-se no sentido horizontal, em oposição aos adultos (pais).

Seguidamente, analisaremos os aspectos da auto-identidade individualmente e comparando ambos subgrupos. Em geral, observamos que para todos os jovens inquiridos os aspectos mais importantes para a construção da identidade são os aspectos geracionais, a idade, o género e o estilo de roupa. Este resultado reforça a ideia da importância da etapa da juventude como força coesa, constituída por padrões de comportamento próprios, diferenciados principalmente dos adultos e a transversalidade destes valores juvenis como a amizade, os primeiros namoros, os consumos, a música, a imagem e a criatividade. Nesta etapa outros aspectos são muito importantes, a aquisição da autonomia pessoal e económica, a finalização dos estudos, a entrada no mercado de trabalho, a constituição de uma família e a saída da casa dos pais. Todas estas variáveis, entre outras definem o tipo de transição para a vida adulta que o jovem experimentará e que será essencial na definição de seu futuro.

²¹ O resultado da aplicação da ACP com a construção dos factores se encontra em anexo

²² É preciso salientar que esta agregação das características de identidade foi realizada com efeitos puramente analíticos, com o objectivo de ilustrar melhor os resultados, mas que evidentemente, as características se encontram inter-relacionadas entre si.

Comparando ambos subgrupos verificamos que as maiores diferenças entre ambos se situam nos aspectos culturais (origem, cultura, religião e de cor da pele) sendo estes aspectos em geral mais importantes para a construção da identidade dos jovens descendentes de imigrantes. É preciso também salientar, que o aspecto da orientação sexual se bem é considerado importante para ambos subgrupos, os jovens descendentes atribuí-lhe em média maior importância. Por outro lado, em termos de género, a orientação sexual é mais importante para os rapazes que para as raparigas.

Quadro 3.4 – Aspectos mais importantes da identidade comparada por origem (em média)

	Nacionais	Imigrantes
Idade	2,78	2,93
Género	3,21	3,13
Estilo de roupa	2,61	2,78
Religião	1,82	2,33
Origem	2,30	2,81
Cultura	2,36	2,73
Cor da pele	1,79	2,21
Orientação sexual	2,54	2,63
Status económico	2,09	2,45

No cruzamento dos aspectos da auto-identidade, com outras variáveis, encontramos algumas relações significativas, por um lado entre o estilo de roupa o bairro de residência e o país de nascimento e por outro lado entre a orientação sexual a religião e o sexo dos jovens.

Com respeito ao estilo de roupa, observamos que existe uma relação significativa com o bairro de residência.²³ Neste sentido podemos afirmar que em média o estilo de roupa é mais importante para os jovens do bairro do Vale da Amoreira (2.84) que para os jovens dos bairros da Amadora (2.63). Não se observam diferenças em termos de género entre rapazes e raparigas. Paralelamente, existe uma relação significativa entre o estilo de roupa e o país de nascimento dos jovens,²⁴ verifica-se que o estilo de roupa é em média mais importante para os jovens nascidos em Angola (3.14) seguido dos nascidos em São Tomé e Príncipe (3.10) e em terceiro lugar os jovens nascidos na Guiné-Bissau (2.91). Este resultado apresenta-se tanto para rapazes como para raparigas. Considerando agora o aspecto da orientação sexual,

²³ F=3.891; p <0,05 com um coeficiente *Eta*=0.123

²⁴ F=2.982; p <0,01 com um coeficiente *Eta*=0.198

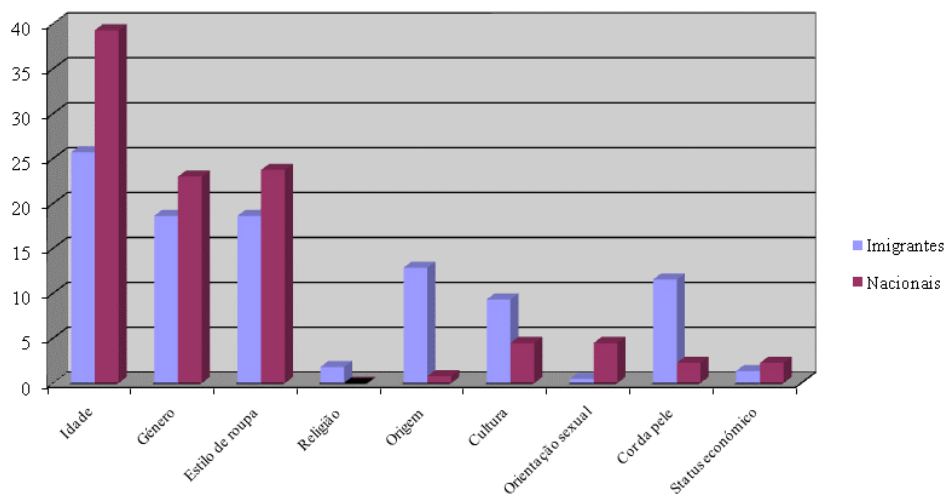
observamos uma clara diferença entre a importância atribuída em termos de género,²⁵ podendo afirmar que em média os jovens rapazes atribuem-lhe maior importância comparados com as raparigas (2.94 vs. 2.35). Na religião também se verificam diferenças em termos de género²⁶, sendo que para as raparigas a religião tem em média uma maior importância que para os rapazes (2.16 vs. 1.95).

3.2.3 Identidade social

Outro aspecto reflectido no questionário refere-se a imagem que “os outros” têm de nós, por outras palavras, como os jovens sentem que são percebidos pelos outros.

Neste sentido, observamos que para todos os jovens, a idade é o aspecto mais importante de identificação exterior, seguido dos aspectos de género e estilo de roupa. Considerando o subgrupo dos jovens descendentes de imigrantes, os aspectos culturais apresentam relevância, 14% deles sentem-se identificados pela origem, 13% pela cor da pele e 9% pela cultura.

Figura 3.2 – Identidade social dos jovens por origem (em percentagem)



Em resumo, comparando ambos subgrupos verificam-se diferenças em termos de composição familiar, educação, trabalho e identidade, quer na auto-identidade como na identidade social. Os jovens descendentes de imigrantes vivem geralmente em famílias mais numerosas,

²⁵ $F=36.728$, $p < 0,0001$ com um coeficiente $Eta=0,259$

²⁶ $F=5.718$, $p < 0,05$ com um coeficiente $Eta=0,104$

particularmente os provenientes da Guiné-Bissau e menos da metade (37%) deles convive com ambos pais simultaneamente. No que diz respeito à educação dos pais, os pais nacionais destacam-se em todos os níveis de ensino frente aos pais imigrantes e em termos de género, as mães distinguem-se no nível obrigatório e secundário com respeito aos pais. No que se refere ao tipo de trabalho, os pais nacionais têm em termos gerais trabalhos mais qualificados que os pais imigrantes.

Um dos eixos centrais desta análise refere-se à construção da identidade dos jovens. Quando medida através da identidade geográfica mostra que a identidade portuguesa e a local são as mais importantes para todos os jovens. A identidade portuguesa é mais importante para os jovens de origem nacional e para os jovens de origem angolana. A identidade local difere em termos de género, sendo mais importante para os rapazes que para as raparigas. A identidade estrangeira é mais importante para os jovens de origem cabo-verdiana e santomense.

Com respeito a *auto-identidade*, encontramos três factores que agrupam as características que os identificam maioritariamente. Por um lado as características culturais, por outro as geracionais e ainda por outro os aspectos relacionados com a sexualidade e as condições socioeconómicas.

Analisadas individualmente, as características mais importantes na construção da auto-identidade para a maioria dos jovens, são a idade, o género e o estilo de roupa. Estas características são aquelas que os assemelham aos outros jovens. No subgrupo dos descendentes de imigrantes, acrescentam-se as características culturais, relacionadas a origem, cultura e cor da pele que são aquelas que os diferenciam dos outros jovens. Quanto à *identidade social*, para o grupo dos nacionais a auto identificação coincide praticamente com a identificação que os outros fazem deles, sendo as características geracionais predominantes, enquanto que para o grupo dos jovens descendentes de imigrantes os aspectos culturais, respeitantes à origem, à cor da pele e à cultura apresentam relevância na identificação externa.

Por último e no que diz respeito à discriminação, os motivos principais citados pelos jovens são: a cor da pele (50,5%), a origem (22,4%) e a cultura (12,2%). A discriminação influi fortemente no quotidiano dos jovens e contribui negativamente na definição da sua identidade, dificultando a criação de sentimentos de pertença à sociedade onde residem.

Capítulo 4 – Análise etnográfico

Neste capítulo serão analisados os dados qualitativos resultados da etnografia, a qual foi um produto de um processo de envolvimento gradual com os jovens do bairro Vale da Amoreira. Este processo teve diferentes níveis de envolvimento: através de conversas informais iniciais, entrevistas e observação participante nas actividades organizadas pelas associações locais e na participação em diferentes eventos e festas multiculturais no bairro e arredores.

Como foi mencionado no capítulo 2 da Metodologia, foram realizadas 21 entrevistas em profundidade a 13 raparigas e 8 rapazes com idades compreendidas entre os 15 e os 26 anos.

Resumimos seguidamente a nossa grelha de análise para interpretação dos resultados.

1. Características que definem os jovens em termos identitários. Ao nível da identidade própria (*auto-identidade*) e da identidade percebida pelos outros (*identidade social*).
2. Construção de uma tipologia, onde são reconhecidos três tipos perfis: “*maior afinidade portuguesa*”, “*entre-culturas*” e “*maior afinidade africana*”. Para esta categorização utilizamos as seguintes variáveis: naturalidade, nacionalidade, tipo de socialização e práticas de discriminação.

4.1 Construindo identidades: entre a diferença e a semelhança.

Como já foi dito, existem diferentes abordagens no estudo da identidade desde perspectivas mais relacionadas com o indivíduo e o seu próprio desenvolvimento psicológico, até vinculadas mais ao social e cultural, relacionadas com os movimentos sociais, numa vertente mais política. Seja da perspectiva da psicologia, da antropologia ou da sociologia, a identidade é considerada como um processo complexo, dinâmico e relacional de distinção e afinidade que se constrói ao longo da vida e que resulta multidimensional e contingente. Retomando o assinalado no Capítulo 1, as identidades são construídas e produzidas no (e pelo) meio envolvente em interacção contínua entre as subjectividades dos actores que se constroem a si próprios através de um processo reflexivo – Giddens (1994) e as condições sociais existentes, no decorrer da vida quotidiana. Podemos então falar de uma identidade

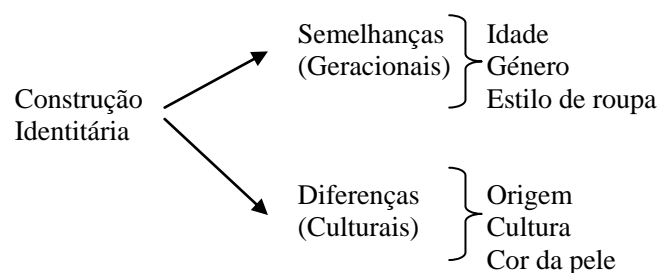
comum a estes jovens, diferente dos outros jovens?²⁷ Resumindo o nosso trabalho, observamos que existem aspectos que os assemelham e aspectos que os afastam. Os primeiros relacionam-se mais com características geracionais e os segundos com características culturais. Ambos definem indissociavelmente a sua identidade, a qual é construída na diferença e na semelhança em relação à cultura africana e portuguesa.

4.2 Características que definem os jovens.

Como foi mencionado, por um lado foram analisados os aspectos mais importantes em termos da auto-percepção, as auto-representações que fazem de si próprios, o que chamamos a sua *auto-identidade*. Por outro lado analisaram-se as percepções que os outros fazem deles, ou seja como eles consideram que são percebidos pelos outros e como esta percepção forma parte da sua construção identitária, o que chamamos a *identidade social*.

Os aspectos mais importantes mencionados pelos jovens, em relação à sua identidade, quer *auto-identidade*, quer *identidade social* (com matizes) resumem-se em dois grupos: a) aspectos das semelhanças, que são os aspectos geracionais, relacionados basicamente com a juventude, idade, género e estilo de roupa e b) aspectos das diferenças, que correspondem a aspectos culturais, relacionados à sua origem, cultura e cor da pele. Embora as características sejam analisadas separadamente, encontram-se inter-relacionadas.

Figura 4.1 – Características da identidade dos jovens



As características das semelhanças são importantes quer na percepção dos jovens sobre si próprios (*auto-identidade*) quer na percepção dos outros (*identidade social*), sobretudo em relação a esses outros que não são jovens. Assim, o “ser jovem” é um pressuposto e está assumido como um aspecto muito importante, que os aproxima aos outros jovens e os separa

²⁷ Cabe salientar com um facto comum na análise da identidade a dificuldade que observamos nos jovens na definição da mesma.

dos pais (adultos). As características das diferenças são também importantes para ambas identidades, *auto-identidade e identidade social*, mas prevaleceram nesta última.

Estas características que assemelham e diferenciam os jovens encontram-se fortemente inter-relacionadas. Neste sentido, pelo facto de “*serem jovens*” partilham “*coisas de jovens*” (gostos, comportamentos e dificuldades da transição para a vida adulta), mas por serem “*culturalmente diferentes*”, (no sentido de diferenças *étnico/raciais*), estas “*coisas de jovens*” podem adquirir determinadas características culturais e raciais (blackness). Assim, as ditas “*coisas de jovens*” tornam-se diferenciais por questões *étnicas/raciais*, por exemplo o significado atribuído pelos jovens ao hip-hop pode variar. Nos workshops realizados no VA, predominaram actividades vinculadas ao hip-hop, à dança africana, aos graffiti. Nestes exemplos, como nas festas multiculturais, onde a música comercial (*worldmusic*) se mistura com a comida tradicional africana, o rap canta-se em crioulo e as calças de ganga *Levis* e bonés *Nike* conjugam-se com acessórios tradicionais, os jovens reforçam o sentimento de “*ser jovem*”, mas também aprendam a “*ser africanos*”. O conceito “*africano*” é aqui entendido como uma visão particular de ver o mundo, em termos filosóficos, económicos e sociopolíticos, abrangendo características relacionadas com a cultura, a história, a espiritualidade e a identidade africana, com a intenção de unificar o continente africano, incluindo a sua diáspora. Este conceito *africano (Pan-Africa)* utilizado na nossa análise, resgata valores que são produto do desenvolvimento das sociedades africanas em íntima relação com a luta contra o colonialismo, escravatura e racismo no continente. Portanto, quando falamos da identidade e da cultura africana, fá-lo-emos neste sentido.

4.2.1 As semelhanças

Dimensões de análise: a importância das características geracionais

As características geracionais, se bem foram mais expressivas nos resultados do inquérito do que na etnografia, são sem dúvida importantes na configuração da identidade dos jovens. Trata-se da idade, do género e do estilo de roupa.

Idade e género

Segundo os resultados do inquérito, verifica-se que as características de idade e género são muito importantes na definição da *auto-identidade*. No entanto durante o trabalho etnográfico,

estas características foram menos referenciadas²⁸. A idade não só os define como jovens, mas também os diferencia dos adultos, particularmente dos pais. Esta situação dada como garantida, traz consigo vantagens e desvantagens; por um lado ser jovem implica poucas responsabilidades, para além da escola, por outro lado implica também dependência económica e dependência dos pais.

Em termos de género, a idade também implica grandes diferenças. Enquanto os rapazes podem sair à noite e passar tempo na rua, as raparigas são impedidas de fazê-lo. Por outras palavras, as raparigas vêm-se mais limitadas à esfera privada, enquanto que os rapazes socializam mais na esfera pública. No que se refere aos amigos, nesta idade, os grupos de pares são maioritariamente do mesmo género, sendo uma situação comum, ver rapazes com rapazes e raparigas com raparigas. Se bem os relacionamentos são maioritariamente intragénero, eles são também interétnicos, existindo nos grupos de amigos, diferentes origens, cabo-verdianos, angolanos, santomenses.

No caso das raparigas as responsabilidades não acabam na escola, elas também são responsáveis pelas tarefas domésticas e tomar conta dos irmãos pequenos e dos avós. Estas tarefas são atribuídas normalmente às mães e às avós e tendem a reproduzir os papéis de género tradicionais, reforçando as desigualdades. No que se refere ao ensino escolar, enquanto que as raparigas são mais incentivadas para terminar a escola, aos rapazes é “exigido”, após um insucesso escolar, que saiam à procura de emprego para contribuir com a família. Neste sentido, as raparigas acabam por ser melhores alunas, não só porque se empenham mais, mas também porque são mais incentivadas para isso e porque encontram na escola um espaço onde podem demonstrar que “são melhores” que os rapazes, o que as posiciona diferenciadamente em termos de poder já que noutros espaços públicos elas acabam por ficar num segundo plano, atrás dos seus pares masculinos.

Estilo de roupa

É habitual encontrar nos trabalhos sobre jovens referências atribuídas à importância da imagem, particularmente no que diz respeito ao vestuário e estilo de roupa, não sendo excepção o caso dos jovens descendentes de imigrantes africanos. Durante o trabalho etnográfico foi verificada esta dedicação à imagem, quer nos rapazes, quer nas raparigas. No

²⁸ A causa resulta da idade (ser jovem) ter sido dada por garantida durante a etnografia, a idade era o ponto de partida da análise.

entanto a importância atribuída ao *look* é similar para ambos gêneros, mas os estilos diferem em termos de gênero. Nos rapazes observamos na sua maioria um estilo vinculado ao Hip-Hop, grandes camisolas (*t-shirt*) e calças baixas, acompanhadas muitas das vezes de bonés e ténis. As marcas da indústria da moda não ficam alheias, muito pelo contrário, algumas identificam estes jovens, não só pelo seu desenho, mas também pelo que representam (ser jovem e também ser “cool”). Trade-marks internacionais como Nike, Adidas, Levis juntam-se as cores, símbolos e acessórios africanos. Quanto ao estilo do cabelo, nos rapazes, observam-se diversos penteados, mas normalmente usam o cabelo com *rastas* ou trançado. Este *look* dos rapazes é mediado pelos estereótipos sendo muitas vezes associado a elementos negativos (gangs, delinquência, droga) quer pelo seus pais, quer pela sociedade.

As raparigas em geral adoptam um estilo mais pop, camisolas *fancy*, mini-saias, leggings e calças de ganga. Prestam muita atenção à maquilhagem, ao tratamento das unhas e ao cuidado do cabelo. Também se destaca a utilização de todo o tipo de acessórios como pulseiras, brincos, fios, malas, etc., que são considerados fundamentais, já que ressaltam a sua feminilidade. O tratamento do cabelo adquire nas raparigas uma dimensão maior, não só porque faz parte da sua imagem, mas também da sua vida social, já que “à volta do cabelo” sucede grande parte da sua sociabilidade, encontro como amigas, procura de produtos e lojas especializadas, sendo inclusive para algumas delas uma fonte de rendimento. Duas raparigas entrevistadas, Alegria (18) e Vânia (20) mostraram-se especialistas na arte das tranças, o que as levou no verão a irem a casa de amigas e familiares para trançar os seus cabelos, recebendo dinheiro em troca. O estilo das tranças enquanto penteado mais tradicional é o mais comum entre as raparigas, mas também se usa o cabelo comprido alisado ou o cabelo encaracolado. A questão do cabelo reforça a amizade, mas também as relações familiares. O relacionamento torna-se intra e inter-geracional, mas sobretudo cultural. Tal como qualquer outro jovem, os jovens do VA em geral definem-se em termos de moda e de estilo de roupa. O vestuário aproxima-os dos outros jovens, diferenciando-os dos adultos.

4.2.2 As diferenças

Dimensões de análise: a importância das características culturais

As características culturais também formam parte da identidade dos jovens sendo reconhecidas quer na *auto-identidade*, quer na *identidade social*, prevalecendo contudo nesta última. Trata-se da origem, cultura e cor da pele.

Origem/Naturalidade

Entendemos pela origem, não só a naturalidade, mas também a procedência dos jovens (as ditas *raízes*). A origem forma parte da identidade dos jovens, mas nem sempre se relaciona com o país de nascimento. Em termos de desenvolvimento de sentimentos de pertença, a origem predomina sobre a naturalidade.

Neste sentido, em termos gerais os jovens nascidos em Portugal (11) apesar de se considerarem a si próprios como portugueses, não se identificam totalmente com Portugal e não se sentem necessariamente portugueses, já que para sentir-se português são necessários outros vínculos, para além dos vínculos objectivos da naturalidade. São precisos sentimentos de pertença e aceitação, de não discriminação e de participação plena. Paralelamente, a naturalidade não necessariamente implica a nacionalidade, no nosso caso três dos jovens (ver tabela) apesar de terem nascido em Portugal não têm a nacionalidade portuguesa. A aquisição da nacionalidade é outra questão importante no desenvolvimento de sentimentos de pertença, tratando-se de um vínculo material, mas com grande força simbólica. Estes jovens nascidos em Portugal têm criado uma imagem da sua origem as vezes reinventada, baseada praticamente nos relatos orais e nas recordações dos pais, junto com as imagens que existem na sociedade portuguesa sobre o seu país. Resulta interessante destacar que quando se referem à sua origem, em termos gerais, fazem alusão à sua origem africana, confirmando a importância de *África* como cultura, independentemente do país de origem.

No que se refere aos jovens nascidos fora de Portugal, eles reconhecem a sua origem como parte importante da sua identidade. Alguns deles sociabilizaram-se no seu país de origem, deixando lá amigos, namorados e família. Sem dúvida que estes laços contribuem para manter viva a sua pertença “africana” através do assíduo relacionamento que ainda mantêm. Trata-se de 10 jovens, seis raparigas e quatro rapazes, de origens variadas (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé). Particularmente ilustrativos são os casos de Alegria (18) e Ricky (23) nascidos na Guiné-Bissau e Cabo Verde respectivamente e vindos para Portugal na adolescência, deixando para trás os seus amigos e também parte da sua família com os quais mantêm ainda fortes vínculos. No caso dos outros jovens que chegaram cá de crianças pequenas, a situação varia, dependendo de diferentes factores, sendo um dos mais importantes a relação actual que mantenham com o seu país de nascimento, incluindo as visitas ao país (Jacinta, Cythia), o facto de ter família lá e o motivo da vinda a Portugal (Solange). Estes 10 jovens encontram-se numa situação mais vulnerável na construção da sua identidade,

possuindo elementos fortes de ambas culturas. Apesar das diferentes naturalidades, em termos gerais, em todos os jovens, a origem “*africana*” prevalece em termos de identidade sobre a naturalidade e forma parte da construção da identidade, embora em diferente medida.

Cultura

Pare este trabalho, entende-se a cultura na sua aceção coloquial, como um conjunto de práticas, valores e acções sociais que conformam uma forma de ser e de estar no mundo para uma determinada comunidade. A cultura envolve crenças, comportamentos, valores, costumes e tradições que identificam uma sociedade. A cultura é dinâmica, sendo a forma através da qual conhecemos e apreendemos o mundo. O que os jovens entendem por *cultura* não é suficientemente claro, trata-se de um conceito muito amplo que abarca elementos que vão desde a língua, à música, à vestuário, à comida até à forma de ser, à alegria e à solidariedade. Trata-se portanto, de diferentes atributos associados por eles à cultura africana, interpretados na diferenciação com a cultura portuguesa. O “*ser africano*” em Portugal, não sempre corresponde ao “*ser africano*” em África, no sentido que todos aqueles elementos que nos identificam com a África se vêem reforçados quando não estamos lá. Por outro lado, a cultura produz identidades, sociedades e também realidades distintas. Nos contextos de imigração, nas sociedades contemporâneas, como assinalado por Heaven (2003) “*a diversidade cultural complejiza a identidade em termos de abrir brechas e discontinuidades entre a forma em que uma comunidade se percebe a si própria e como é percebida pelos outros*”. Esta brecha gera situações do tipo de ter que reafirmar continuamente frente aos outros “*quem eu sou*” lutando continuamente contra estereótipos criados com base na cultura de origem. Esta situação actua de forma dialéctica, tanto da cultura dominante sobre a minoritária, como da minoritária sobre a dominante.

Estes jovens mobilizam-se nestas duas culturas, apropriam-se de alguns elementos da cultura de origem, cultura que lhes é transmitida através dos pais, e os transforma na prática combinado com outros elementos da cultura maioritária/portuguesa e inclusive da cultura *global* em particular dos Estados Unidos, como é o caso do Hip-Hop, presente no bairro. O resultado é uma mistura de elementos de diferentes origens, africanos, europeus e afro-americanos, onde os jovens criam novos significados. Neste sentido verifica-se em simultâneo uma brecha geracional com os pais. A apropriação cultural no caso dos pais, não apresentava tantas ancoragens. Exemplos ilustrativos disto são especialmente a língua e a música. No caso dos cabo-verdianos, verifica-se a transformação e reinterpretação da língua. O Crioulo falado pelos jovens do VA é diferente do falado pelos pais. Esta nova versão do

Crioulo mistura, para além de variedade de Crioulos falados no VA, termos portugueses e *slang* com palavras provenientes dos Estados Unidos. Se bem isto é um resultado interessante da nossa investigação, devemos esclarecer que esta nova versão do Crioulo só é falado por alguns jovens, sendo o Português a língua mais utilizada no bairro. Por outro lado, existem jovens de origem cabo-verdiano que embora entendam o Crioulo, não o falam nem sequer na própria casa. No que diz respeito à música, dentro dos ritmos tradicionais os mais ouvidos e dançados são a kizomba, o funana e o kuduro e fora deles, como referimos anteriormente, o rap e a cultura do Hip-Hop são frequentes no bairro. Esta pertença, aliás, faz de ponte com outros jovens, dentro e fora de fronteiras. Esta cultura do hip-hop é reinterpretada em termos de resistência e de compromisso com a causa (Paulo). Esta identificação como o Hip-Hop, apesar de ser considerado um aspecto positivo, da transculturalidade, pode também produzir novas fronteiras, estereotipando e resgatando o negativo do hip-hop, a marginalização.

Outro aspecto cultural mencionado pelos jovens, refere-se principalmente à comida tradicional africana, cuja presença é mais frequente em eventos especiais do que no quotidiano. Entre as comidas tradicionais preferidas encontram-se a *cachupa*, a farinha de milho, a *moamba*, o milho grelhado e a mandioca.

A internalização dos padrões culturais de ambas culturas é conscientemente naturalizada por estes jovens, sendo muitas vezes eles próprios a recriar a sua pertença a esta *cultura mista*. O bairro também contribui neste sentido, já que convivem nele jovens de diferentes origens: portugueses, angolanos, cabo-verdianos, santomenses e guineenses. Como foi mencionado, o bairro possui em si uma origem mista que influencia e condiciona a identidade dos jovens.

A cor da pele – Discriminação e Racismo

A questão da cor da pele esteve sempre presente nos jovens entrevistados. Esta característica que para a maioria é particularmente importante na identificação dos outros (*identidade social*) é também importante na configuração da própria identidade (*auto-identidade*). É também a principal causa de discriminação, prevalecendo sobre a origem imigrante. A tendência entre os jovens descendentes de imigrantes africanos é a de pensar que “os outros” os identificam mais pela sua cor da pele, precisamente porque se trata de um aspecto visível é facilmente identificável, do que pela língua e outros aspectos culturais.

A cor da pele não se pode ocultar nem controlar, colocando por vezes os jovens em situações de extrema vulnerabilidade, criando sentimentos associados à inferioridade, à falta de auto-

estima e inclusive medo, como referido por Madail (16) “...a cor da pele te limita, te trava, tenho medo de ser rejeitada”. A cor da pele está intimamente relacionada ao racismo, mas também transgride o mesmo. Se bem inicialmente, o racismo se expressava em termos de diferenças biológicas, actualmente como argumenta Taguieff (1990) “o racismo já não é articulado em diferenças entre as raças, mas sim é baseado em dois pilares fundamentais: a defesa de identidades culturais e a aprovação da diferença”. Embora, as diferenças étnicas/raciais sejam substituídas e complementadas pelas diferenças culturais, são em primeira instância aquelas que continuam a assinalar muitas das práticas discriminatórias analisadas. Quando as diferenças étnicas/raciais se tornam culturais (o que politicamente é mais correcto e academicamente mais aceitável) as relações de poder assimétricas intergrupais tendem a diluir-se. É sabido que as atitudes discriminatórias podem ser, e de facto são, em ambos os sentidos da relação intergrupais, mas é importante ressaltar que esta relação é hierárquica em termos de poder quer social, quer simbólico. Portanto, a análise das práticas discriminatórias dependerá sempre do lado onde se estiver a analisar.

Relativamente à escola, alguns dos jovens entrevistados manifestaram ter presenciado comportamentos discriminatórios na escola. Estas situações atentam contra um dos papéis fundamentais da escola em termos de integração, respeito e desenvolvimento. A escola é um espaço aberto, onde é suposto ser mais fácil estabelecer relações com jovens de outras origens. Mas, na realidade, os testemunhos dos jovens reflectem alguns comportamentos discriminatórios, particularmente entre os professores, como menciona Ana “os professores sempre preferem os branquinhos, são os que recebem melhores notas e aos quais prestam maior atenção nas aulas, na minha escola há muita discriminação”. Cabe salientar, que Ana frequenta uma escola fora do VA, onde a maioria dos alunos são de origem portuguesa e onde segundo ela “...eles não gostam muito dos africanos”. Igualmente sucede no caso de Jacinta, que recentemente mudou para uma escola fora do bairro frequentando a escola secundária do Barreiro, ao falar da dificuldade na adaptação à nova escola “...eu sou a única aluna preta da minha turma, e isso não me acontecia quando frequentava a secundária do Vale. Adaptar-me tem sido muito difícil, a gente é mais fechada e associam-nos ao Vale, aos pretos e de daí à criminalidade e à violência”. Estes estereótipos tendem a englobá-los numa mesma categoria, prevalecendo às concepções maioritariamente negativas.

Em suma, observamos que na interpretação psico-social da identidade dos jovens, que vai desde a *auto-identidade* até à *identidade social*, esta se constitui na semelhança e na

diferença. As características fundamentais que orientam a sua identidade são por um lado geracionais que os aproximam aos jovens, afastando-os dos pais (origem) e por outro lado culturais que os afastam dos outros jovens, aproximando-os aos pais. Dentro dos primeiros, aspectos da semelhança ou geracionais, os mais importantes são: a idade, o género e o estilo de roupa e dentro dos segundos, chamados aspectos da diferença ou culturais os mais importantes são: a origem, a cultura e a cor da pele. Temos assim, por um lado uma continuidade horizontal e ruptura vertical (nos aspectos geracionais) e por outro uma continuidade vertical e uma ruptura horizontal (nos aspectos culturais).

Questionar-nos sobre quais destes aspectos são considerados mais importantes, não tem sentido, já que dependerá de cada caso em particular e do facto de todos eles serem interdependentes entre si, podendo prevalecer uns sobre os outros conforme as circunstâncias. Mas, sem dúvida, focar-nos nas semelhanças pode contribuir para a obtenção de melhores resultados na aplicação das políticas públicas.

4.3 Perfis dos jovens

Realizaremos agora uma categorização das identidades dos jovens entrevistados com base no eixo cultural que vai desde África a Portugal. Resulta importante ressaltar que longe de resultar em grupos distintos, esta análise dá origem precisamente a um *continuum* de identidade entre os extremos de ser africano e ser português²⁹. O eixo psico-social que temos vindo a analisar anteriormente e que vai desde a *auto-identidade* até à *identidade social* também será considerado, já que a identidade dos jovens resulta precisamente da síntese entre a *identidade social* e a *identidade cultural*.

Eixo psico-social: Trata-se de um *continuum* entre a identidade própria (*auto-identidade*) e a identidade colectiva (*identidade social*). Quanto à identidade individual, esta baseia-se em experiências pessoais: como se sentem os jovens, quais são os seus círculos e os seus espaços, as redes familiares e grupos de amigos. No que

²⁹ É possível que a análise peque de excessivo dualismo, mas quando falamos em termos dicotómicos, não os usamos por princípio como excludentes, mas sim como extremos de um eixo contínuo, onde se localizam infinitas posições intermédias. Não estamos a falar de ricos e pobres, integrados e desintegrados, mas sim de inúmeras situações no meio e nos muitos intermeios. Noutras palavras, é possível que esta análise seja vista como demasiado reducionista, mas a nossa motivação é reduzir para poder descobrir perfis ou “tipos ideais”, não pretender abarcar a realidade, mas sim analisá-la.

diz respeito à identidade colectiva, esta é entendida em termos relacionais influenciada pelas percepções dos outros e também pelos estereótipos sociais

Eixo cultural: *Continuum* entre *África* (passado) e *Portugal* (presente/futuro). Por um lado, a cultura de origem com as suas tradições e por outro a cultura do país de residência, de socialização, da escola e do trabalho.

4.3.1 Aspectos orientadores da identidade

Analisaremos a identidade *cultural* dos jovens construindo uma tipologia utilizando como base alguns dos aspectos mais relevantes das dimensões materiais e simbólicas³⁰.

Material/estrutural/objectiva: é definida pela condição social e situação dos jovens (origem, classe social, idade e género) e pela socialização (família, escola, trabalho, lazer). Esta dimensão produz vínculos objectivos à sociedade.

Simbólica/subjectiva: é definida pelos sentimentos de pertença a grupos, pela utilização de códigos e lógicas diferenciais. Esta dimensão origina vínculos subjectivos com a sociedade.

Utilizaremos assim, na nossa categorização quer elementos objectivos, quer subjectivos, sendo que os vínculos materiais são tão importantes como os vínculos simbólicos. Dentro do universo material focar-nos-emos nas seguintes variáveis: naturalidade, nacionalidade e tipo de socialização dentro do universo simbólico, analisando o sentimento de pertença medido em base às práticas de discriminação.

a) A naturalidade

Com respeito à naturalidade, encontramos dois grupos de jovens, os que nasceram em Portugal e os que nasceram fora do país. O primeiro corresponderia à chamada *segunda geração* que no nosso caso seriam 11 jovens. Dentro do segundo grupo composto por 10 jovens, observamos a existência de dois grupos, aqueles jovens que vieram para Portugal quando eram crianças (7 casos) e aqueles que vieram na adolescência (Alegria, Mohamed e

³⁰ Estas dimensões além de estarem inter-relacionadas e de influir uma na outra e vice-versa, são objecto de dinâmicas evolutivas do próprio processo de crescimento dos indivíduos e de desenvolvimento das sociedades. Sendo dinâmicas e instáveis.

Ricky). Quanto à identidade, aqueles que vieram na adolescência, mantêm fortes vínculos com o seu país de origem, sendo que as suas memórias estão ainda muito recentes. Neste sentido a importância da origem em termos identitários encontra-se relacionada com o ano de chegada ao país. Enquanto que para os jovens que chegaram na adolescência o vínculo emocional com a sua terra é muito significativo, para os jovens que vieram quando ainda eram crianças, a origem é como que reinventada através dos pais. Os jovens tendem a identificar-se mais com o país onde têm as suas primeiras recordações, quer tenham ou não nascido lá, tal como mostram alguns testemunhos como o da Solange (16) “*Eu me sinto mais portuguesa que guineense, porque cheguei cá quando tinha seis anos e não tenho memórias de lá*”. Apesar de existirem algumas diferenças, verificou-se quer para os jovens nascidos em Portugal quer para os jovens nascidos fora, um sentimento comum de “*estrangeria*” (*outsiders*). Ambos independentemente do lugar de nascimento são considerados imigrantes, sendo percebidos pelos outros, como “*não portugueses*” devido principalmente às características *étnicas/raciais* (cor da pele).

Resulta interessante observar, no que refere à questão da naturalidade, e tal como foi mencionado anteriormente, a predominância da origem *cultural* em detrimento da origem *nacional*. Embora, os jovens entrevistados provenham de diferentes países africanos, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Guiné-Bissau, as suas pertenças são “*africanas*”. Esta identificação *africana* observada ao longo de toda a etnografia encontra-se fortemente racializada e responde em parte à importância da cor da pele para os jovens.

Embora a cultura africana seja importante na sua identificação, existe uma grande diversidade de situações, desde jovens com uma forte identificação com a origem (Alegria) até jovens com uma fraca identificação com a origem (Tatiana e Ana).

b) A nacionalidade

A aquisição da nacionalidade é considerada pelos jovens como um elemento crucial, sobretudo nos mais velhos que têm tido experiências de procura de emprego. No entanto na prática ter a nacionalidade portuguesa não necessariamente vai melhorar as condições sociais dos jovens, mas em termos teóricos, garantirá os mesmos direitos e oportunidades, sendo o seu contributo em termos simbólicos fundamental na construção da identidade e na geração de sentimentos de pertença. A nacionalidade é também ainda importante porque cria um sentimento de grupo ou não grupo, entre os que a têm e os que não. Aquelles jovens

descendentes de imigrantes que possuem a nacionalidade portuguesa não compreendem aqueles que não a têm, sendo para estes últimos um verdadeiro problema.

Apesar das mudanças da nova lei da nacionalidade³¹ (Padilla, 2007) existem ainda hoje alguns casos, onde jovens nascidos em Portugal não têm nacionalidade portuguesa. Chegando ao absurdo, pede-se-lhes o historial criminal do país de origem quando eles nunca estiveram lá, dificultando o dito processo no acesso à nacionalidade portuguesa. Portanto, “*ser indocumentado*” forma parte do quotidiano de alguns destes jovens, facto que restringe algumas actividades, como não poder sair do país, ter um emprego precário, não poder efectuar estudos universitários. É muitas vezes nas situações em que são confrontados com as forças policiais, o facto de “*ser indocumentado*” é posto em evidência.

Se bem o acesso à nacionalidade não faz destes jovens automaticamente “portugueses” no sentido de pertença à sociedade, contribui gerando fortes vínculos simbólicos com a sociedade portuguesa no sentido de ser reconhecido como um igual, embora só o seja em termos legais/jurídicos. A aquisição da nacionalidade é sem dúvida um factor fundamental da conformação da identidade destes jovens, sobretudo quando é negada e é também um dos aspectos que mais rapidamente pode mudar, caso exista vontade para tal.

Dos 21 jovens entrevistados 10 deles têm a nacionalidade portuguesa. Dos 11 restantes, alguns deles ainda não começaram o processo e outros ainda estão à espera da resolução. Como foi referenciado anteriormente, este processo, embora tenha melhorado com a introdução da nova lei, traz dificuldades, particularmente, na recolha de todos os documentos que são requeridos quando se trata de países que vinham de situações de conflito ou guerra.

Também com respeito à nacionalidade, existe uma diversidade de situações. Dentro dos jovens com nacionalidade portuguesa, a maioria nasceu em Portugal, com excepção de dois casos, Jacinta (Angola) que recebe a nacionalidade portuguesa através do pai e Tânia (Angola) que tem dupla nacionalidade. No que se refere aos jovens que não têm nacionalidade portuguesa, a maioria nasceu fora de Portugal, com excepção de três casos, destes três jovens nascidos em Portugal, dois têm origem cabo-verdiana e um tem origem santomense. Apesar de terem solicitado a nacionalidade portuguesa, ainda não a obtiveram. Trata-se de Vânia³²

³¹ Requisitos de nacionalidade da nova Lei. Alguns dos requisitos para acesso à nacionalidade dos filhos, requerem que os pais tenham tido residência legal no país de pelo menos 5 anos, na altura do nascimento do filho (antigamente 6 anos para os imigrantes PALOP na antiga lei de nacionalidade), também é requisito necessário a integração no sistema de ensino dos filhos e a prova de língua portuguesa.

³² Esta situação vigente na altura da etnografia, felizmente mudou e Vânia tem hoje a nacionalidade portuguesa.

(20), Nelson (26) e da Madail (16). A seguir, transcrevemos alguns dos testemunhos que resultam mais esclarecedores:

Tânia “...*sorte que uma das primeiras coisas que fez o meu pai quando chegámos a Portugal foi tratar dos papéis nossos (dela e da irmã), porque o meu avô era português*”.

Nelson “...*eles (os amigos com origem africana, mas nacionalidade portuguesa) não sabem as dificuldades na procura de trabalho....eu nasci cá, sou de cá, mas como não tenho documentos, não posso votar...sempre está a ideia de que sou estrangeiro, imigrante, que venho cá roubar o dinheiro dos portugueses.*” ...“*Eu concorri à universidade em Setúbal ao curso que eu gostava e eles aceitaram-me, mas no final eles não me puderam deixar inscrever porque não tinha os documentos portugueses.*”

O Paulo teve que cumprir até ao nono ano enganando o sistema (os professores ajudaram-no), mas não conseguiu acabar o secundário devido à sua situação de ilegalidade, embora resida em Portugal desde os dois anos de idade. No que se refere à sua experiência de trabalho, “*quando trabalhava nas obras, o patrão não me pedia os documentos, mas também não me fazia contrato de trabalho, nem tinha benefícios sociais*”.

Algumas das vantagens de ter a nacionalidade, para além dos vínculos objectivos e simbólicos que origina, refere-se ao acesso ao mercado de trabalho, portanto a empregos melhores e mais estáveis, acesso à estudos superiores na universidade, possibilidade de viajar, direitos e deveres políticos e civis. Estas situações podem levar a uma melhoria das condições sociais destes jovens. Por outro lado, a falta de nacionalidade, reproduz os círculos de irregularidade, de empregos informais e precários, sem benefícios sociais, o que tende também a reproduzir o círculo de pobreza.

c) A socialização

Em termos de socialização, importa referir se a mesma dá-se maioritariamente dentro de mesmo grupo (endogrupo) ou fora dele (exogrupo). A maioria dos jovens tem amigos dentro da sua comunidade, incluindo também outras comunidades africanas; portanto em geral as relações são mais fechadas, endógenas ou intra-étnicas. O tipo de sociabilidade, entendida esta como aberta ou fechada, exógena ou endógena, inter-étnica ou intra-étnica é um factor orientador da identidade cultural dos jovens.

Por sua vez esta sociabilidade contribui por um lado para criar vínculos simbólicos com a sociedade gerando sentimentos de pertença e reconhecimento, por outro lado marginaliza ainda mais criando fortes relações inter-comunidade que dificultam a criação de sentimentos de pertença à outra sociedade que não seja a de origem. Portanto, sem querer cair em reducionismo ou simplismos, podemos afirmar a partir da nossa análise que uma sociabilidade aberta *tende* a uma identidade mais próxima da cultura de *destino* (portuguesa), enquanto uma sociabilidade fechada *tende* a uma identidade mais próxima da cultura de origem (africana). Esta identificação maior com a sociedade de *destino* não leva necessariamente a uma maior integração, nem a uma mobilidade ascendente, mas também não se verifica o contrário.

Na socialização, as redes desempenham um papel importante. Nos jovens, encontramos relações primárias, no que se refere à família e amigos e relações secundárias que envolvem professores, patrões e colegas. Nas relações primárias incorporam-se os valores, as referências, as desigualdades de género e os estereótipos sociais. Nas relações secundárias, os jovens descobrem outras realidades diferentes às próprias e também se reconhecem nelas.

No que diz respeito à socialização primária, temos duas situações bem diferenciadas, os jovens que nasceram fora (Alegria, Cythia, Edson, Jurema, Tania e Ricky) viveram parte da sua socialização no país de origem e vieram como crianças, portanto tiveram que atravessar dificuldades de adaptação, acrescentados aos problemas próprios da adolescência. Dentro deste grupo de jovens, observamos no entanto, uma diversidade de situações, desde fortes sentimentos de ligação com o país de origem, até experiências de mobilidade descendente na mudança a Portugal, como fica patente nos seguintes testemunhos:

Ricky (23) “...os vizinhos do Vale não são tão amáveis como em Cabo Verde, lá o bairro é como uma grande família, toda a gente ajuda-se entre ela, os bairros são muito próximos e muitas coisas boas acontecem na rua”.

Cythia (20) “...lá (em Angola), minha casa era maior e muito mais confortável comparado com cá, o bairro onde eu morava era respeitável e bem conhecido, minha escola era muito boa...Cá as coisas são muito diferentes.”.

Dentro das relações primárias encontram-se os amigos. Estes são, em particular na adolescência e juventude, um pilar fundamental na formação da identidade. Os amigos também fecham ou abrem círculos e as redes de amigos são as que nos permitem atingir muitas vezes os nossos objectivos, sendo um suporte de contenção emocional e social muito forte. Em termos gerais, os amigos dos jovens são sobretudo da escola e do bairro, sendo que

a escola está no bairro, portanto os círculos vêm-se muitas vezes circunscritos ao lugar de residência. Existem no entanto algumas exceções como é o caso da Tatiana (15) que frequenta uma escola em Lisboa e que relata “...as minhas amigas são todas de Lisboa e eu tenho ido muito à casa delas a visitá-las, mas elas ainda não vieram à minha casa no Vale...” Também a Ana abriu o seu círculo de amizade e tem muitas amigas portuguesas (da escola de Barreiro), além das amigas do bairro que são todas de origem imigrante.

Se bem em termos de socialização predominam as relações fechadas (dentro do mesmo grupo) podemos afirmar, como referido por Machado (2002), que estes jovens fazem a sua socialização em duas frentes, “...eles mantêm a sociabilidade onde a orientação “para adentro”, representada pela família, coexiste com uma orientação “para fora” a vários níveis...” (Machado, 2002). Ambos círculos de pertença encontram-se sobrepostos, sendo a construção identitária nutrida por ambos, mas o mais importante é que esta dupla identificação seja pacificamente desenvolvida.

d) Discriminação

Existem diferentes abordagens no estudo do racismo, bem como diversas definições. O racismo pode ser analisado ao nível institucional, histórico, ao nível dos comportamentos de discriminação e agressão e ao ainda nível cultural.

Seguindo a definição de Vala (1999) entendemos o racismo “como uma configuração multidimensional e tendencialmente articulada de crenças, emoções, orientações comportamentais de discriminação, relativamente a indivíduos membros de um exogrupo, categorizado e objectivado a partir da cor, sendo aquelas reacções suscitadas pela simples pertença desses indivíduos esse exogrupo”. Este conjunto de ideias, crenças leva os indivíduos de um grupo a comportarem-se segundo os preconceitos existentes sobre outro grupo. Estes preconceitos geralmente associados a elementos negativos, traduzem-se em atitudes discriminativas sobre aqueles indivíduos que não pertencem ao meu grupo. O nosso trabalho analisará as percepções sobre o racismo e discriminação dos jovens e como estas práticas influem e limitam a construção da identidade dos mesmos.

Os conceitos de *raça* e *etnia* são construções sociais que permitem identificar e caracterizar grupos, no sentido de minorias, podendo ser utilizadas indistintamente, apesar de apresentarem diferenças. No caso dos jovens entrevistados, todos eles pertencentes á cultura africana e a maioria deles de raça negra, estas características tendem a sobrepor-se

Em termos gerais, os grupos minoritários têm sido continuamente associados a estereótipos negativos, sendo percebidos inclusive como uma ameaça quer na concorrência pelo emprego, quer na segurança nacional, sofrendo diversos tipos de discriminação e racismo. No que se refere a estes jovens, embora exista uma multiplicidade de situações diferentes entre eles, a sua visibilidade social associada à ascendência africana faz como que sejam categorizados pelos outros em função da cor da pele em vez da origem ou nacionalidade. Esta homogeneização responde á mecanismos do próprio processo de categorização, particularmente quando os indivíduos a ser categorizados pertencem a uma minoria considerada “*socialmente inferior ou problemática*”. Todo o processo de categorização impõe uma hierarquização, neste caso as hierarquias “*raciais*” são também “*étnicas*” e “*culturais*” como expressado por Vala, 1999 “*...quando dizemos que somos diferentes culturalmente, estamos a dizer que somos melhores culturalmente...Do nosso lado, do lado do endogrupo, da cultura ocidental, estaria o Homem. Do outro lado, do lado do exogrupo, negro, amarelo ou de qualquer outra cor, estaria a etnia, a diferença relativamente a um padrão cultural por nós instituído como verdadeiramente humano.*”

No que diz respeito à prática do racismo, esta pode ser analisado com base nos comportamentos e atitudes discriminativas exercidas pelos membros de um grupo sobre os membros de outro grupo. No nosso trabalho etnográfico, verificamos que os sofreram diferentes tipos de práticas discriminativas, derivadas do racismo flagrante, subtil e até institucional. Sem dúvida, nos processos de integração e participação, a discriminação e o racismo são consideradas barreiras infranqueáveis que ao mesmo tempo retardam a criação de sentimentos de pertença.

As práticas discriminativas sofridas pelos jovens vão desde atitudes quase imperceptíveis até acusações verbais, mas todas elas têm consequências na construção da identidade dos mesmos e no desenvolvimento das suas pertenças, bem como na reafirmação ou renúncia de “quem eu sou”. Por outro lado, este tipo de práticas é comum que aconteça aos jovens quando se encontram fora do bairro, fora dos seus círculos de pertença. Relativamente aos factores de discriminação mais relevantes apontados pelos jovens, estes prendem-se com a origem e a cor da pele. Alguns dos testemunhos ilustram bem estas experiências.

Jacinta (18) “*quando entras numa loja, o dono olha logo, olha como se fosse roubar alguma coisa*” ... “*quando passas por elas na rua ou em qualquer sítio, logo apertam as malas contra si*”

Madaíl (16) “*estava no autocarro...quando uma mulher branca se aproxima para sentar-se no assento ao meu lado, mas quando olha para mim, segue para outro assento...não sei se foi pelo facto de ser negra*” ... “*estando em Lisboa...queríamos apanhar um táxi, vimos um casal idoso e fomos na sua direcção ... mas a primeira coisa que faz a mulher foi fugir como se fossemos roubá-la*”

Cythia (20) “*...não te preocupes muito, em Chelas são só pretos, não vale a pena o esforço.*” (comentário de uma colega nos ensaios para uma apresentação de ballet clássico)

Nelson (26) “*...fomos detidos pela polícia, que nos solicitou a nossa identificação para controlar o nosso registo criminal. Quando confirmaram que estávamos “limpos” a sua atitude muda completamente, passando de uma atitude agressiva a uma amigável e explicando-nos que uma mulher tinha sido atacada e assaltada ontem por jovens que se ajustavam à nossa descrição...inclusive estavam vestidos como nós*”

4.3.2 Pertencas e afinidades

Sobrevivendo ao um sentimento comum: ...não sou de lá, nem de cá...

Como foram analisados anteriormente, os elementos que se apresentaram mais relevantes na construção da identidade dos jovens e que servem de base dos perfis identificados, são: a naturalidade, a nacionalidade, o tipo de socialização e a experiência de discriminação. Em termos gerais e com base nestas características analisadas, podemos distinguir três perfis (tipos de identidades)³³, resumidos no seguinte quadro. No entanto os jovens se posicionam diferenciadamente neste *continuum cultural* desde África a Portugal resulta importante referir, e que resulta válido para toda a análise, que todos eles são possuidores de identidades mistas, incluindo elementos de ambas culturas, apresentando sentimentos ambíguos.

Quadro 4.1 – Tipos de identidade

Afinidade portuguesa	Entre-culturas	Afinidade africana
Bruno	Nelson	Alegria
Tatiana	Paulo	Edson
Paula	Tatiana D.	Ricky
Fábio	Mohamed	Dino
Ana	Tânia	Cythia
Madaíl	Vânia	Deyamira
Gonçalo	Solange	
	Jurema	

³³ Cabe recordar a flexibilidade dos tipos de identidade, bem como a não exclusividade dos mesmos, não se tratando portanto de categorias opostas e excludentes.

a) Afinidade portuguesa

Dentro de este grupo, encontram-se os casos de Paula, Bruno, Tatiana, Fábio, Ana, Madail e Gonçalo. A maioria destes jovens partilha características de naturalidade e nacionalidade portuguesa, sendo alguns filhos de casamentos mistos, socialização mais aberta e não tem experimentado praticamente comportamentos de discriminação. No entanto, existem algumas excepções, precisamente os casos de Gonçalo e Madail, já que ambos não têm naturalidade nem nacionalidade portuguesa. Mas apesar dos vínculos materiais mais fracos em relação aos outros, os seus sentimentos de pertença à sociedade portuguesa são fortemente marcados. Estes vínculos subjectivos fazem com que eles se sintam mais portugueses, embora tenham passado situações de discriminação, como é o caso de Madail, os seus sentimentos de pertença e reconhecimento da sociedade portuguesa com a própria são mais fortes que a ausência de vínculos materiais.

Paula (15): *“Eu sou portuguesa, para mim ser angolana não tem nenhum significado, eu sou de Angola, mas nunca vivi lá, eu gosto de cá estar”.*

Tatiana (16) *“Eu sou uma portuguesa típica, sou muito reservada e calminha”.*

Bruno (18): *“Eu só falo português, mas a mãe da minha avó falava crioulo com a minha avó. Mas depois dela morrer, acabou...eu me sinto português, mas gosto de ir dançar música Africana, porque os meus amigos são africanos”.*

b) Entre-culturas

Neste grupo, na *entre-culturas*, encontram-se os casos de Nelson, Tatiana D., Mohamed, Tânia, Vânia, Solange e Jurema. Estes são sem dúvida os casos, mais interessantes e complexos, já que se trata de jovens que não se sentem de nenhum lado, ou às vezes de cá e às vezes de lá. Embora alguns deles tenham efectivamente vínculos objectivos como a nacionalidade e apresentem inclusive uma socialização mais aberta (Jacinta, Tatiana) não conseguem gerar sentimentos de pertença nem a um país nem a outro. Neste sentido, uma vinculação objectiva por si própria não é suficiente, mas sim necessária, para uma inclusão na sociedade. Outros sentem-se estrangeiros na sua própria terra, a falta da nacionalidade portuguesa e o seu consequente “não reconhecimento” como portugueses (Nelson e Vânia), vai além do âmbito jurídico e material, impedindo-lhes sentir-se plenamente portugueses.

Jacinta (18): *“Sinto-me mais angolana, cá (em Portugal) que em Angola, quando estou lá me fazem sentir que não sou de lá, que sou portuguesa”*. *“...cá me sinto angolana, porque quero defender as minhas tradições, a minha forma de viver, minha música, mas quando vou lá (Angola) me sinto portuguesa porque eles não me reconhecem como igual...”*

Tânia (21): *“Considero-me metade angolana, metade portuguesa. No trabalho e na escola sou portuguesa, mas quando estou com a minha gente, não tem nada a ver com Portugal. ...quando chego ao Vale, é como voltar a Angola.”* *“...quando estou no trabalho sou de uma forma...mas quando chego ao bairro, sou eu mesma, mudo completamente...”*

Nelson (26): *“Há muitos como eu que não se sentem portugueses, não tenho a nacionalidade portuguesa, mas tenho nascido cá, é impossível sentir-me português”*

Estes jovens encontram-se no meio, formando parte de um *terceiro espaço* que não é a soma das culturas da qual procedem, mas sim a síntese delas, reinterpretada na cultura global.

c) Afinidade africana

No terceiro grupo constituído pelos jovens com maior afinidade a cultura africana encontram-se os casos de Alegria, Edson, Ricky, Dino, Cythia e Deyamira. A maioria destes jovens partilha características de naturalidade e nacionalidade estrangeira, socialização fechada e práticas de discriminação. No entanto, existem excepções a mencionar que são os casos de Dino e de Deyamira, ambos nascidos em Portugal e com a nacionalidade portuguesa. Ambos jovens, portanto têm claramente vínculos objectivos com Portugal, mas as suas pertenças simbólicas, afastam-nos de Portugal. Dino é novo no bairro e morou sempre no bairro 6 de Maio, que como ele o chama, é “um pedaço de Cabo-Verde em Portugal”. Morar num bairro constituído praticamente por cabo-verdianos não facilitou as suas relações inter-grupo, desenvolvendo a sua identidade praticamente em referências a Cabo-Verde, quer a nível familiar, quer a nível social. Deyamira mantém contacto assiduamente com Angola, apesar de ter nascido em Portugal; parte da sua família (tios e avós) encontra-se em Angola e ela tem viajado bastante a visitá-los. Identifica-se mais com a forma de ser do angolano e gosta de dançar e seguir uma carreira artística. Tem sentido muito racismo, por ser “negra” como ela diz e não se sente como pertencendo a Portugal. Não gosta de Portugal e desejaria ir morar nos Estados Unidos, onde diz ter família e onde pensa que não há o racismo que se vê em Portugal.

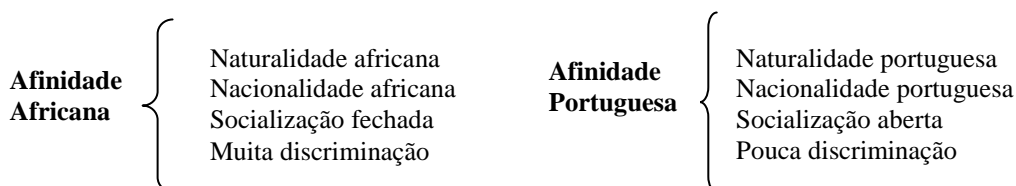
Alegria (18): *“Sinto-me dá Guine minha avó está lá, minhas tias e meus amigos. Vivi lá toda a minha infância, me sinto de lá”*.

Edson (20): “*Sinto-me de ambos lugares, porque nasci e vivi a minha infância lá. Sinto-me mais santomense, porque a maioria dos meus amigos são santomenses. Não me sinto português e não sei quando vou sentir-me português, se calhar quando veja menos exclusão social e menos desigualdades...*”

Dino (20): “*Eu me sinto mais cabo-verdiano, mas não sei como explicá-lo...em Damaia (onde morava antes) toda a gente falava Crioulo, mas cá no Vale não é assim. O Vale é mais próximo de Portugal, enquanto Damaia é um pouco de Cabo Verde em Portugal*”.

Em termos gerais e a modo de resumo, podemos observar, com algumas exceções, que nos extremos do eixo cultural encontram-se diferentes características. No que se refere à afinidade africana, encontramos jovens com naturalidade e nacionalidade africana, são jovens que fizeram a primeira socialização no seu país de origem, que geralmente apresentam uma socialização mais fechada, intra-grupo, onde os seus círculos de pertença se limitam a pessoas da mesma origem *étnico/racial*. Paralelamente, têm sofrido práticas de discriminação que têm condicionado o desenvolvimento da sua identidade. Estes jovens costumam ter fortes vínculos simbólicos com a sua sociedade de origem, quer seja por terem residido parte da sua infância e adolescência lá, quer por manter contacto assíduo com a sua terra. A estas fortes relações de carácter simbólico com a sua origem, soma-se a participação activa em actividades que envolvem a cultura *africana*. Por outro lado, na afinidade portuguesa, encontramos jovens com naturalidade e nacionalidade portuguesa, que apresentam uma socialização mais aberta, seja pela frequência da escola fora do bairro, seja pelo envolvimento em actividades “*menos étnicas*”, na Igreja, nas associações sociais e na música. Apesar de que estes jovens têm sofrido também práticas de discriminação, embora em menor proporção, estas têm tido uma influência menor na construção da sua identidade. A figura seguinte resume estas características.

Figura 4.2 – Aspectos mais importantes dos tipos de identidades



5. Considerações Finais

Na perspectiva da teoria cultural contemporânea existe uma tentativa de crítica aos conceitos de integração e assimilação cultural, através da utilização do conceito de hibridismo, entendido com uma mistura entre diferentes etnias ou nacionalidades. Este conceito pressupõe a suposta pureza das *raças*, embora a nova concepção rejeite a existência da “pureza” quer racial, quer cultural, mas, como sublinha Anthias (2001) se todas as culturas são definidas como híbridas, o conceito perde significado em termos analíticos.

As identidades das chamadas “*segundas gerações*” constroem-se numa cultura mista, não em duas culturas opostas. Factores como as condições sociais e o género são alguns dos que levam a diferentes trajectórias na definição da identidade. Assim, esta identidade “mista” que resulta num *continuum* entre uma identidade africana e uma portuguesa (Padilla, 2010) contém elementos de ambas culturas, da “cultura mista” e da cultura transnacional. Portanto, esta identidade “mista”, pode ser “híbrida”, no sentido referido por Bhabha (1994), sendo que não se trata da junção das duas culturas, mas sim de “espaços intermédios” onde se “traduz” a cultura maioritária (dominante) na cultura minoritária e se negociam significados no limite das culturas. A hibridização dá-se entre identidades situadas assimetricamente em relação ao poder. Este “terceiro espaço” (Bhabha, 1994) que resulta da hibridização não é determinado unilateralmente pela identidade hegemónica, sendo sempre construído através de processos de negociação e resistência. Se bem nos contextos de colonização esta identidade híbrida segundo Bhabha (1994) pode permitir aos imigrantes resistir à subordinação e criar novas visões do mundo, também pode produzir novas fronteiras, marginalizando-os ainda mais. Para os outros, pode ser tão negativo ser africano como ser uma “*mistura*” entre africano e português.

Segundo o nosso trabalho, verificamos que em termos gerais, os jovens entrevistados encontram-se muito identificados à uma pertença africana, apesar de nunca terem saído de Portugal. Este sentimento deve-se em parte ao facto das referências africanas formarem parte da sua vida quotidiana, parte da sua primeira socialização, sendo padrões culturais internalizados em casa. São precisamente os elementos positivos da cultura africana que são resgatados por eles e reinterpretados, desta forma produz-se uma legitimação deste passado comum que, podendo não ser real, é igualmente essencial na configuração da identidade dos

jovens, embora inconsciente, sua força não deixa assim de ser real. Em certa medida os jovens *aprendem* a ser africanos fora de África. Contudo, esta situação de recorrer às referências africanas responde também ao facto de sentirem-se rejeitados pela sociedade portuguesa e não necessariamente tem a ver com o seu *desejo* de sentir-se portugueses.

A construção da identidade é um processo fundamental e complexo nos jovens descendentes de imigrantes africanos, desde África á Portugal. A sua definição é negociada nestas duas culturas, entre a afirmação (assimilação) e a resistência, entre a semelhança e a diferença, quer no sentido geracional, quer no sentido cultural. Alguns deles assemelham-se aos seus pares (jovens) desenvolvendo uma continuidade horizontal, enquanto outros se assemelham aos seus progenitores, desenvolvendo uma continuidade cultural com a origem (vertical).

As sociedades modernas, com a sua diversidade cultural, permitem-nos encontrar identidades múltiplas, a globalização e a glocalização são fenómenos que juntamente com as migrações internacionais contribuem para formar esta diversidade de identidades. Contudo, referências “passadas” que têm marcado fortemente a nossa visão do mundo (*Weltanschau*), em termos ideológicos continuam hoje muito presente, na análise que nos merecem certos fenómenos. A importância do conceito de Estado-nação é uma delas, que faz parte importante da nossa identidade e da definição que fazemos dos outros. No senso comum, eu sou português antes que europeu, mas ele é africano, antes que angolano. Não pretendemos com este simplismo, mascarar a complexidade do fenómeno da identidade, mas sim chamar a atenção da força de alguns discursos. Concepções como: oriente-ocidente, norte-sul, império-colônia, centro-periferia continuam hoje influenciando a forma como pensamos os fenómenos da imigração, da diversidade e da etnicidade. É preciso que este nosso pensamento dicotómico (brancos e negros, ricos e pobres, nacionais e estrangeiros) de lugar a muitas situações “intermédias”. Hoje em dia, os do “meio” somos todos, resultando de diversas misturas, reais ou simbólicas. Sendo possuidores de características convergentes em termos estruturais e divergentes em termos culturais e vice-versa. Importa talvez resgatar as nossas semelhanças sobre as nossas diferenças, na procura de similitudes com outros grupos sem renunciar às próprias diferenças.

6. Referências bibliográficas

- Abrantes, Pedro (2003), “Identities juvenis e dinâmicas de escolaridade”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, No. 41, pp. 93-115.
- Alba, Richard e Victor Nee (2003), *Remaking the American Mainstream: assimilation and contemporary immigration*, Cambridge, Harvard University Press.
- Anthias, Floya (2001), “New hybridities, old concepts: the limits of culture” *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 24 No. 4, pp. 619-664.
- Baganha, Maria (2009), “The Lusophone Migratory System: Patterns and Trends”, *International Migration*, Vol. 47 (3), IOM.
- Bhabha, Homi (1994), *The Location of Culture*, London, Routledge.
- Canclini, Nestor Garcia (1995), *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Cerulo, Karen (1997), “Identity Construction: New Issues, New Directions”, *Annual Review Sociology*, Vol. 23, pp. 385-409.
- Chow, Rey (1998), *Ethics After Idelism: Theory-Culture-Ethnicity-Reading*, Bloomington, Indiana University Press.
- Colombo, Enzo, Luisa Leoni e Paola Rebughini (2009), “Different But Not Stranger: Everyday Collective Identification among Adolescent Children of Imigrants in Italy”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 35, No. 1, pp. 37-59.
- Contador, António (2001), *Cultura Juvenil Negra em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Costa, António Firmino da (1999), “A pesquisa de terreno em sociologia”, A. Silva e J. Madureira Pinto (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, pp. 129-148.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta Editora.
- Costa, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2000), “Classes sociais na Europa”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, No. 34, pp. 9-43.
- Feixa, Carles (2006), *De Jóvenes, Bandas e Tribus*, Barcelona, Editorial Ariel.
- Gans, Herbert (2009) “First generation decline: downward mobility among refugees and immigrants”, *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 32, No. 9, pp. 1658-1670.

Gans, Herbert (1992), "Second generation decline: scenarios for the economic and ethnic futures of the post-1965 American immigrants", *Ethnic and Racial Studies*, Vol.15, No. 2, pp. 173-92.

Giddens, Anthony (1994), *Modernidade e Identidade pessoal*, Oeiras, Celta Editora.

Gilroy, Paul (1997), "Diaspora and the detours of identity", Kathryn Woodward (ed.), *Identity and Difference*, London, Sage.

Hall, Stuart (2000), "Who needs Identity?", Du Gay, Evans and Redman (eds.), *Identity: A Reader*, Londres, Sage, pp. 15-30.

Hall, Stuart (2003), "Cultural Identity and Diaspora", Braziel and Mannur (eds.), *Theorizing Diaspora*, Londres, Blackwell.

Haritaworn, Jin (2009), "Hybrid Border-Crossers? Towards a Radical Socialization of Mixed Race", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 35, No. 1, pp. 115-132.

Heaven, Cara and Matthew Tubridy (2003), "Global Youth Culture and Youth Identity", Arvanitakis J, ed. *Highly Affected, Rarely Considered: The International Youth Parliament Commission's Report on the Impacts of Globalization on Young People*, Publisher Oxfam International Youth Parliament (OIYP), Sydney, pp.149-60

Hebdige, Dick (1979) *Subculture: The Meaning of Style*, London, Methuen.

Hutnyk, John (2005) "Hibridity", *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 28, No. 1, pp. 79-102.

Justino, David (2007) "Integração política e cívica. Cidadania e civismo, participação política e acesso à nacionalidade", António Vitorino (org.), *Imigração: Oportunidade ou Ameaça?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 151-167.

Kahn, Richard and Douglas Kellner (2004), *Global youth culture* Accessed from <http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays.html>

Laclau, Ernesto e Chantal Mouffe (1985), *Hegemony and Socialistic Strategy*, London, Verso.

Machado, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Machado, Fernando Luís, Ana Raquel Matias e Sofia Leal (2005), "Desigualdades sociais e diferenças culturais: os resultados escolares dos filhos dos imigrantes africanos", *Análise Social*, 176, pp. 695-714.

Machado, Fernando Luís e Ana Raquel Matias (2006), "Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica", *CIES e-Working Paper*, No. 13, CIES-ISCTE.

Machado, Fernando Luís (2007) "Jovens como os outros? Processos e cenários de integração dos filhos de imigrantes africanos em Portugal", António Vitorino (org.), *Imigração: Oportunidade ou Ameaça?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 169-197.

Nilsen, Ann (1998), “Jovens para Sempre? Uma perspectiva de individualização centrada nos trajectos de vida”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, No. 27, pp. 59-78.

Padilla, Beatriz, (2010forthcoming) “Recreting Youth Identities: a strategy to belonging somewhere. Youth of African descent in the Lisbon Metropolitan area”, *Jovens e Rumos*

Padilla, Beatriz, (2007) “Estado del Arte de las investigaciones sobre los brasileños y brasileñas en Portugal”, *Latin America-Europe Migrations: What Challenges for Analysis and Politics?*, edited by FLACSO – Ecuador, Université Catholique de Louvain and OBREAL.

Padilla, Beatriz (2007), “Acordos Bilaterais e Legalização: O impacto na integração dos imigrantes brasileiros em Portugal”, *Imigração Brasileira em Portugal*, Jorge Malheiros (org.), Lisboa, ACIDI, pp. 113-134.

Padilla, Beatriz (2005). “Migraciones y Cambio”, paper presented at the *VI Reunión de Antropología del Mercosur*, Montevideo, Uruguay, November.

Padilla, Beatriz and Alejandra Ortiz (2008), “Final local report on questionnaire analysis”, *EU Project TRESEGY*, Sixth Framework Programme.

Padilla, Beatriz and Alejandra Ortiz (2008) “Final Transnational report on questionnaire analysis”, *EU Project TRESEGY*, Sixth Framework Programme.

Padilla, Beatriz, Vera Rodrigues and Alejandra Ortiz, A. (2008), “Monographic Report on Ethnographic Data”, *EU Project TRESEGY*. Sixth Framework Programme.

Pais, José Machado (1993), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Pais, José Machado (2005), “Jovens e Cidadania” *Sociologia, Problemas e Práticas*, No. 49, pp. 53-70.

Pires, Rui Pena (2002), “Mudanças na imigração: uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, No. 39, pp. 151-166.

Pires, Rui Pena e Ana de Saint Maurice (1999), “Imigrantes africanos em Portugal” Vala, J. (coord.) *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas*, Oeiras, Celta Editora.

Portes, Alejandro (1999), *Migrações Internacionais, Origens, Tipos e Modos de Incorporação*, Oeiras, Celta Editora.

Portes, Alejandro (1996), *The new second generation*, New York, Rusell Sage Foundation.

Portes, Alejandro e Min Zhou (1993), “The new second generation: segmented assimilation and its variants among post-1965 immigrant youth”, *Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, Vol. 530, pp. 74-96.

Portes, Alejandro, Patricia Fernández-Kelly e William Haller (2006) “La asimilación segmentada sobre el terreno: la nueva segunda generación al inicio de la vida adulta”, *Migraciones*, 19, pp. 7-58.

Saint-Maurice, Ana de (1997), *Identidades Reconstruídas: Cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Seabra, Teresa (1999), *Educação nas famílias: etnicidade e classes sociais*, Lisboa, Instituto da Inovação Educação.

Silva, Tomaz Tadau da, Stuart Hall e Kathryn Woodward (2005) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis, Editora Vozes.

Soysal, Yasemin (2000) “Citizenship and Identity: living in diásporas in post-war Europe?” *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 23, No.1, pp. 1-15.

Spivak, Gayatri (1999) *Critique of Postcolonial Reason: Towards a History of the Vanishing Present*, Cambridge, Harvard University Press.

Taguieff, P.A. (1990) “The new cultural racism in France”, *Telos* 83, pp 109-122

Vala, Jorge, Brito, Rodrigo Brito e Diniz Lopes (1999), *Expressões dos racismos em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.

Vala, Jorge, Vítor Sérgio Ferreira, Marcus Eugénio Lima e Diniz Lopes (2003), *Simetrias e Identidades. Jovens Negros em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Vilar, Marta Rosales, Vanessa Cantinho e Susana Parra (2009), *Crescer fora de água? Expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na região metropolitana de Lisboa*, Lisboa, ACIDI.

Wimmer, A. (2006) “Does ethnicity matter? Everyday group formation in three Swiss immigrant neighbourhoods”, *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 27 No. 1, pp. 1–36.

Windle, Joel (2008), “The racialisation of African Youth in Australia”, *Social Identities*, Vol. 14 No. 5, pp. 553-566.

Woodward, Kathryn (2004), *Questioning identity: gender, class, ethnicity*, London, Routledge.

Young, Robert (1996), *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*, London, Routledge.

Xavier, Maria (2007), *Redescobrimo Brasil. Processos identitários de Brasileiros em Portugal*, Lisboa, ACIDI

Anexos

Anexo A – Tabelas de caracterização dos entrevistados

Tabela A. 1 - Lista dos jovens

	Nome	Sexo	Idade	País de nascimento	Origem dos pais	Data de chegada	Nacionalidade e portuguesa	Estuda	Trabalha	Estuda e trabalha
1	Alegria	F	18	Guiné-Bissau	Guiné-Bissau	2007	Não	√		
2	Tatiana	F	15	Portugal	Cabo Verde	-----	Sim	√		
3	Vânia	F	20	Portugal	Cabo Verde	-----	Não			√
4	Ana	F	16	Portugal	Cabo Verde	-----	Sim	√		
5	Jacinta	F	18	Angola	Angola	1992	Sim	√		
6	Cythia	F	20	Angola	Angola	2000	Não			√
7	Deyamira	F	15	Portugal	Angola	-----	Sim	√		
8	Nelson	M	26	Portugal	Cabo Verde	-----	Não		√	
9	Solange	F	16	Guiné-Bissau	Guiné-Bissau	2002	Não	√		
10	Madail	F	16	Portugal	São Tomé		Não	√		
11	Mohamed	M	27	Guiné-Bissau	Guiné-Bissau	2005	Não		√	
12	Fábio	M	20	Portugal	Angola/ Cabo Verde	-----	Sim	√		
13	Edson	M	20	São Tomé	São Tomé	2000	Não	√		
14	Bruno	M	18	Portugal	Angola	-----	Sim		√	
15	Paula	F	15	Portugal	Angola	-----	Sim	√		

16	Tatiana D	F	18	Portugal	Angola	-----	Sim		√	
17	Jurema	F	19	Angola	Angola	2000	Não	√		
18	Ricky	M	23	Cabo Verde	Cabo Verde	2001	Não		√	
19	Tânia	F	21	Angola	Angola	1994	Sim		√	
20	Dino	M	20	Portugal	Cabo Verde	-----	Não		√	
21	Gonçalo	M	20	São Tomé	São Tomé	1996	Não	√		

Tabela A.2 – Lista dos informantes qualificados

	Nome	Sexo	Idade	Instituição	Origem	Nacionalidade
1	Pinhal	M	31	Associação Angolana	Portugal/ Angola	Portuguesa
2	Kayano	M	44	Associação Angolana	Portugal/ Angola	Portuguesa
3	Ângelo	M	27	Associação Angolana	Portugal/ Moçambique/ Angola	Portuguesa
4	Paulo	M	34	Associação Angolana	Cabo Verde/ Angola	Cabo-verdiana
5	Álvaro	M	28	Associação Angolana	Angola	Angolana
6	Luísa	F	-	Projecto Vale Esperança	Cabo Verde	Cabo-verdiana
7	Luísa	F	-	Escola 2+3 Vale da Amoreira	Portugal	Portuguesa
8	Sérgio	M	31	Iniciativa Bairros Críticos	Portugal	Portuguesa
9	Berta	F	-	Iniciativa Bairros Críticos	Portugal	Portuguesa
10	Dina	F	-	Professora de dança	Angola	Angolana
11	Sara	F	-	Câmara Municipal da Moita	Portugal/Japão	Portuguesa
12	Jorge	M	-	Junta de Freguesia do Vale da Amoreira	Portugal	Portuguesa

Tabela A.3 – Perfis identitários

		Origem	Sexo	Socialização	Nat.	Nac.	Performance escolar	Discrimin.	Observações
Afinidade portuguesa	Bruno	Portugal/Angola família mista	M	Aberta	PT	Sim	Boa quer estudar	Não	Família nuclear mista
	Tatiana	Cabo Verde	F	Aberta (escola em Lisboa)	PT	Sim	Boa	Não	Morou 3 anos Espanha
	Paula	Portugal/Angola	F	Fechada (quer ficar no bairro)	PT	Sim	Má	Não	Família nuclear
	Fábio	Angola/Cabo Verde	M	Aberta	PT	Sim		Não	Família nuclear
	Ana Margarida	Cabo Verde /Angola família mista	F	Aberta (escola em Barreiro, vai mudar para Aveiro) tirar curso de língua espanhola	PT	Sim	Boa	Sim (pouca) escola	Família mista e nuclear
	Madail	São Tomé	F	Fechada (quer sair do bairro)	ST	Não	Boa	Sim (muita) transportes	Família nuclear
	Gonçalo	São Tomé	M	Aberta (quer sair do bairro)	ST	Não	Boa (curso técnico)	Não	Família nuclear queimadura
Afinidade africana	Alegria	Guine Bissau	F	Fechada (chegada 2007)	GB	Não	Má (recém chegou)	Não	Pai ausente mora com mãe e 5 irmãs
	Edson	São Tomé	M	Fechado (chegada 2000)	ST	Não	Boa	Sim	Mora com Pai Mãe ficou em ST
	Ricky	Cabo Verde	M	Fechado (chegada 2001)	CV	Não	Boa (saio da escola por trabalho)	Sim	Mora com Mãe / Pai em CV
	Dino	Cabo Verde	M	Fechada (antes 6 Maio)	PT	Não	Má (trabalha nas obras..)	Sim	Má relação com Pai
	Cythia	Angola	F	Fechada (chegada 2000)	A	Não	Boa quer estudar direito	Sim (muita)	Mora com Tia e primos
	Deyamira	Angola	F	Fechada	PT	Sim	Má	Sim (muita)	Família nuclear

Entre-culturas	Nelson	Cabo Verde/ Angola	M	Fechada intra-étnica	PT	Não	Má	Sim	Mora com mãe
	Tatiana D.	Portugal/Angola	F	Fechada (quer ficar sempre no VA)	PT	Sim	Má	Não	Família nuclear Pai muito importante
	Mohamed	Guinea Bissau	M	Aberta, mora em vários países (pai diplomata) (chegada 2005)	GB	Não	Boa	Não	Mora com o pai e madrasta a partir 8 anos.
	Tânia	Angola	F	Aberta (gostaria viver sempre no VA)	A	Sim	Boa (curso técnico)	Sim	Família nuclear
	Vânia	Cabo Verde	F	Aberta	PT	Não	Boa (deixo escola por trabalho)	Não	Mãe doente, pai e madrasta
	Solange	Guine Bissau	F	Fechada (chegada 2002)	GB	Não	Má	Não	Mãe e padrasto
	Jacinta	Angola	F	Aberta (chegou com 2 anos)	A	Sim	Boa	Sim na escola em Barreiro	Família nuclear com 4 irmãos
	Jurema	Angola	F	Fechada (chegada 2000)	A	Não	Má	Não	Vive com avôs, pais ficaram em Angola

Tabela A.4 – Jovens por origem e nacionalidade

	NASCIDOS FORA DE PORTUGAL (PRIMEIRA GERAÇÃO)	NASCIDOS EM PORTUGAL (SEGUNDA GERAÇÃO)
COM NACIONALIDADE PORTUGUESA	Jacinta (Angola) Tania (Angola)	Tatiana (Cabo Verde) Ana (Cabo Verde) Deyamira (Angola) Fabio (Angola) Bruno (Angola) Paula (Angola) Tatiana D (Angola) Dino (Cabo Verde)
SEM NACIONALIDADE PORTUGUESA	Alegria (Guiné-Bissau) Cythia (Angola) Solange (Guiné-Bissau) Mohamed (Guiné-Bissau) Edson (São Tome) Jurema (Angola) Ricky (Cabo Verde) Gonçalo (São Tome)	Vânia (Cabo Verde) (*) Nelson (Cabo Verde) Madail (São Tome)

(*)Vânia adquiriu a nacionalidade portuguesa, após um longo processo no final do ano 2009.

Anexo B – Tabelas de caracterização da amostra

Tabela B.1 – Caracterização da amostra

	Nacionais		Imigrantes	
	N	%	N	%
Sexo				
Feminino	157	59.5	179	60.1
Masculino	107	40.5	119	39.9
Idade				
15-18	228	86.4	189	62.8
>18	36	13.6	112	37.2
País de nascimento				
Portugal	254	96.9	136	46.1
Cabo Verde	-	-	50	16.9
Angola	2	0.8	37	12.5
Guiné-Bissau	1	0.4	41	13.9
São Tomé e Príncipe	-	-	13	4.4
Brasil	-	-	8	2.7
Outros EU*	3	1.1	7	2.3
Outros**	2	0.8	6	1.2
Família				
1-4	214	81.4	120	41.2
5-8	48	18.3	158	54.3
>8	1	0.4	13	4.5

*Suíça, Alemanha, França, Inglaterra, Espanha, Irlanda, Dinamarca

**África do Sul, Canadá, Zaire, Rússia, China

Gráfico B.2 – Nacionalidade dos jovens descendentes de imigrantes

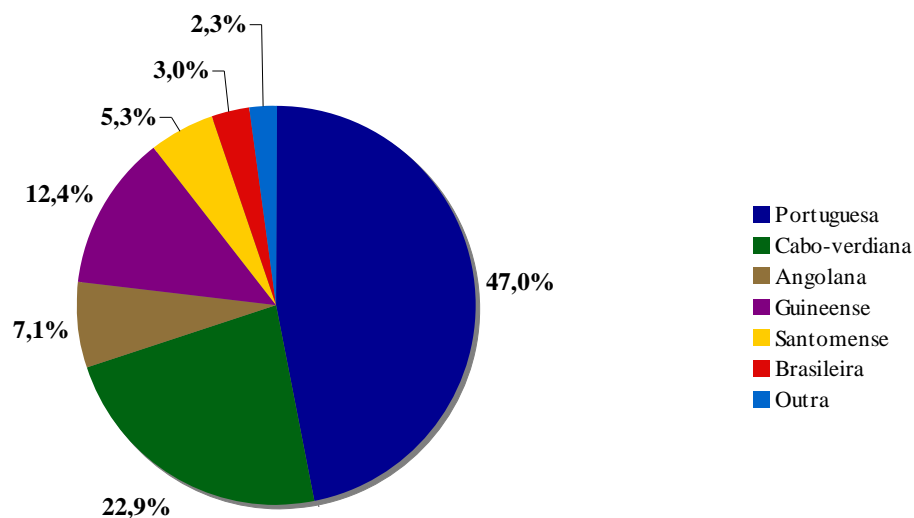


Tabela B.3 - Identidade Geográfica

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Identidade europeia	524	0	5	3,32	1,239
Identidade portuguesa	534	0	5	3,74	1,268
Identidade local	513	0	5	3,51	1,368
Identidade estrangeira	266	0	5	2,70	1,897

Tabela B.4 – Identidade Comparada por Género (em média)

	Masculino	
	o	Feminino
Identidade europeia	3,42	3,27
Identidade nacional	3,76	3,73
Identidade local	3,61	3,45
Identidade estrangeira	2,53	2,80

Tabela B.5 – Aspectos para a Própria Identificação (em média)

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Idade	538	1	4	2,86	,813
Género	525	1	4	3,17	,854
Estilo de roupa	526	1	4	2,69	,857
Religião	524	1	4	2,08	,959
Origem	525	1	4	2,56	1,033
Cultura	519	1	4	2,54	,981
Cor da pele	526	1	4	2,01	1,063
Orientação sexual	515	1	4	2,59	1,108
Status económico	506	1	4	2,27	,994

Tabela B.6 – Factores que influenciam a construção da identidade dos jovens

Aspectos	Factores		
	Culturais	Outros	Geracionais
Cultura	,815	,162	,121
Origem	,777	,331	,127
Religião	,751	,056	,100
Orientação sexual	,044	,768	,287
Status económico	,285	,744	,025
Cor da pele	,392	,555	,008
Idade	,233	-,116	,800
Género	,057	,318	,716
Estilo de roupa	,029	,440	,493
Variância explicada	36,8%	13,8%	10,9%

Anexo C – Questionário de inquérito

Responder com caneta preta

TRESEGY
Inquérito Europeu sobre Jovens
entre os 15 e 24 anos

Nº questionário

A) INFORMAÇÃO DEMOGRAFICA

1- Sexo Masculino Feminino

2-Idade _____ Data de nascimento _____
dia / mês / ano

3-Onde nasceste: Cidade/Concelho _____ País _____

4- Se fora de Portugal, em que ano chegaste? _____

5-Viveste noutros países mais do que um ano? Não Sim

Se sim, em que países?

País 1 _____

País 2 _____

País 3 _____

6-Nacionalidade: _____

7-Que língua falas e onde?:

	Casa/ Família	Escola	Emprego	Rua	Amigos
Somente Português	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Só outras línguas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ambas (Português e outras)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8- Qual é/são as outras línguas que falas? _____

9-Estado civil Solteiro
 Casado
 União de Facto / vive com namorado(a)
 Separado
 Outro

10-Tens filhos? Não Sim Quantos? _____

11-Para além de ti, quantas pessoas vivem na tua casa?
(incluindo familiares e não familiares) _____

11.1 Assinala quem são essas pessoas

Mãe

Pai

Irmãos ou irmãs. Quantos? _____

Companheiros de apartamento

Companheiro(a)/Namorado(a)

Filhos(as)

Outras pessoas. Quais? _____

B) FAMILIA

12-Qual é a nacionalidade/lugar de nascimento e a nacionalidade dos membros da tua família?

	País de nascimento (Se for Portugal, indique distrito)	Nacionalidade
Mãe	_____	_____
Pai	_____	_____
Companheiro(a)	_____	_____
Irmã(o)1	_____	_____
Irmã(o)2	_____	_____
Irmã(o)3	_____	_____
Filho(a)1	_____	_____
Filho(a)2	_____	_____

13- Qual é o grau/nível de escolaridade dos teus pais?

	Mãe	Pai	
Nenhum	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Obrigatória (9º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Secundária (12º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Último ano/nível frequentado (Especifica)	_____		<input type="checkbox"/>

14- Em relação ao trabalho, diz-nos se os teus pais:
(escolhe só 1 resposta para a tua mãe e 1 resposta para o teu pai)

	Mãe	Pai	
Tem um emprego/trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Está desempregado/a ou benefícios sociais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Têm subsídio de doença ou acidente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Têm uma bolsa de estudo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É ajudado por uma terceira pessoa/família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro (Especifique)	_____		<input type="checkbox"/>

15- Qual é a profissão dos teus pais?

Mãe _____ Pai _____

C) EDUCAÇÃO

16- Frequentaste ou frequentas a escola?

Nunca Frequentei Frequento

Se sim, qual é o ano? _____

17- Se estás a frequentar ou já frequentaste a escola, por favor indica qual é o último grau/nível que completaste.

- Primária
- Escolaridade obrigatória
- Secundária
- Curso Técnico/Profissional
- Universidade (Bacharelato ou Licenciatura)



18- Já alguma vez chumbaste de ano?

Não Sim Quantas vezes? _____

19- Onde é que frequentaste a escola?

- Só em Portugal
- Em Portugal e noutros países
- Só noutros países

20- Qual é o grau/nível de escolaridade que esperas atingir?

- Escolaridade obrigatória
- Secundária
- Curso Técnico/Profissional
- Universidade (Bacharelato ou Licenciatura)

(Para aqueles que frequentam ou frequentaram a escola em Portugal)

21- Indica qual o grau de satisfação na escola

- Em relação ao que aprendes
 Insatisfeito Pouco satisfeito Satisfeito Muito satisfeito
- Em relação aos colegas da escola
 Insatisfeito Pouco satisfeito Satisfeito Muito satisfeito
- Em relação aos professores
 Insatisfeito Pouco satisfeito Satisfeito Muito satisfeito

22- Os teus pais vão ou foram habitualmente às tuas escolas falar com os professores?

Não Sim

D) MEIO DE SUBSISTÊNCIA/TRABALHO

- 23- O que fazes?
- Apenas estudo
 - Trabalho e estudo
 - Apenas trabalho
 - Não estudo nem trabalho
 - Estou em formação no trabalho

24- Qual é o teu rendimento mensal ou se não trabalhas, qual é a tua mesada?

€ _____

não preenche

(Só para aqueles que trabalham ou já trabalharam)

25- Qual é o teu trabalho actual (ou último)? _____

(Só para aqueles que trabalham)

26- Quantas horas trabalhas por semana? _____

não preenche

(Só para aqueles que trabalham)

26.1- Trabalhas na zona em que habitas? Sim Não

Se não, onde _____

(Só para aqueles que trabalham)

27- Quantos anos tinhas quando começaste a trabalhar? _____

não preenche

E) CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO

28- Onde moras? (Freguesia) _____

não preenche

28.1- Há quantos anos é que vives nesta Freguesia?

não preenche

29- Queres continuar a viver na mesma zona/localidade?

Não Sim

30- O que é que mais gostas da zona/localidade em que habitas? (Escolhe até 3 opções)

- As pessoas/vizinhança
- A fácil acessibilidade/localização
- Os espaços verdes/espaços públicos
- As lojas/entretenimento
- O sentimento de comunidade/solidariedade
- As boas condições do bairro

Outra (Especifica) _____

não preenche
não preenche
não preenche

31- O que é que não gostas da zona/localidade em que habitas? (Escolhe até 3 opções)

- As pessoas/vizinhos
 - O isolamento, poucos transportes e a falta de ligações
 - A falta de espaços verdes/espaços públicos
 - A falta de lojas/entretenimento
 - A má conotação/imagem
 - As más condições do bairro
- Outra (Especifica) _____

não preenche

32- Existem problemas na zona/localidade em que habitas?

Não Sim Se sim, qual é o pior? _____

33- As pessoas que vivem na tua zona/localidade são maioritariamente (Escolhe apenas 1 opção)

- Nacionais/de origem portuguesa
- Imigrantes/de origem estrangeira
- Ambas (50% e 50%)

não preenche

34- A casa onde vives é..... (Escolhe apenas 1 opção)

- Própria (dos teus pais ou tutores)
 - Arrendada
 - Empréstada
- Outra (Especifica) _____

não preenche

6105

35- Qual destes equipamentos tens?

- Microondas
- TV
- DVD-VCR
- Antena parabólica/cabo
- Aparelhagem de música
- Computador (PC)
- Playstation/jogos
- Máquina de lavar roupa
- Telefone
- Telemóvel
- Carro

35.1- A quais destes serviços tens acesso em casa?

- Electricidade
- Água corrente/canalização
- Banho/chuveiro
- Esgoto/saneamento
- Aquecimento
- Ar-condicionado
- Recolha de lixo

36- Como avalias as condições da tua casa (Escolhe apenas 1 opção)

- Boas Razoáveis Más



6105

F) SOCIALIZAÇÃO

37- A maioria dos teus amigos são da... (Escolhe apenas 1 opção)

- Escola
- Trabalho
- Família
- Desporto
- Igreja/Mesquita
- Zona em que habita (Bairro)
- Outra (Específica) _____



38- Qual é a origem da maior parte dos teus..... (Escolhe apenas 1 opção de cada)

	Amigos	Colegas da escola	Professores	Colegas de trabalho	Patrão
Nacionais/de origem portuguesa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Imigrantes/de origem estrangeira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

39- Quem te ajuda nas seguintes questões? (Escolhe apenas 1 opção de cada)

	Económica Financeira	Emocional Sentimental	Burocrática Legal Documentação
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros familiares/ namorado(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Patrão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Serviços Sociais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Instituições	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ninguém	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

40- Destas pessoas...

	Mãe	Pai	Outros membros da família	Amigos	Companheiro(a)	Vizinhos	Outro
Com quem é que te sentes melhor?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com quem é que falas mais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

41- Há sempre fases em que todos temos problemas com outras pessoas. Já tiveste problemas/conflitos com as seguintes pessoas ou instituições?

	Nunca	Algumas vezes	Sempre
Com os pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os colegas da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os colegas de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os patrões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com a polícia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os vizinhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com o namorado/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

42- O que é que mais gostas de fazer no teus tempos livres? (Escolhe 3 opções no máximo)

- Ver televisão
- Ler livros, revistas, jornais
- Ouvir música
- Navegar na internet
- Jogar playstation/jogos
- Praticar desporto
- Tocar música
- Ir ao cinema
- Ir às compras
- Conhecer pessoas, sair com amigos

43- Onde é que passas a maior parte do teu tempo livre? (Escolhe apenas 1 opção)

- Casa
- Zona em que habitas
- Centro da cidade
- Outro local (Especifica) _____



44- Onde é que costumas encontrar teus amigos? (Escolhe apenas 1 opção)

- Bar, Café
- Restaurante, Snack-Bar
- Lojas
- Casa
- Parque / praça
- Rua
- Associações / Instituições
- Outro local (Especifica) _____



44.1- O local de encontro é na zona onde habitas? Sim Não

45- Participas em actividades especiais em associações/instituições/organizações?

Sim Não

Se sim, quais associações/instituições?

- de Jovens
- Imigrantes
- Religiosas
- Culturais/Sociais
- Desportivas
- Políticas
- Outra (Especifica) _____



6105

3) IDENTIDADE

46- Numa escala de 0 a 5, como te associas às seguintes identidades?
(Escala: 0 significa nada e 5 significa muito)

Europeu/ela 0 1 2 3 4 5

Português/a 0 1 2 3 4 5

Da tua localidade 0 1 2 3 4 5 Qual localidade? _____

46. 1- Só para pessoas de origem imigrante e descendentes de imigrantes:
(Escala: 0 significa nada e 5 significa muito)

Sentes-te Estrangeiro/a? 0 1 2 3 4 5

Para todos

47- Se alguém perguntar de onde és, o que respondes?

48- Quais destes aspectos são importantes para te definires a ti próprio?
(Responde a todas as opções)

	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante
Idade (adolescente/jovem)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Género (masculino/feminino)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estilo de roupa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Religião	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Origem/país	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cultura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cor da pele	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Orientação sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Situação económica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra (Específica) _____				



6105

49- A maior parte das pessoas costuma identificar-te...
(Escolhe apenas 1 opção)

- pela idade (adolescente/jovem)
- pelo género (masculino/feminino)
- pelo estilo de roupa
- pela tua religião
- pela tua origem/país
- pela cultura
- pela tua orientação sexual
- pela cor da tua pele
- pela situação económica

Outra (Específica) _____

50- Com qual destes espaços te identificas mais? (Escolhe apenas 1 opção)

- Com a zona em que habito
- Com o país onde vivo
- Com a cidade onde vivo
- Com o país dos meus pais
- Com a Europa

Outra (Específica) _____

51- Gostas de viver em Portugal? (Escolhe apenas 1 opção)

- Sim
- Mais ou menos
- Não

51. 1- Em que país gostarias de viver?

52-Numa escala de 0 a 5, como te classificas em termos de religiosidade?

(Escala: 0 significa nada e 5 significa muito)

0 1 2 3 4 5

53-Qual é a tua religião? (Escolha apenas 1 opção)

Ateu/Agnóstico

Católico

Protestante

Muçulmano

Outra (Especifique) _____



54-Na tua opinião, existe racismo em Portugal?

Não Pouco Bastante Muito

55-Se sim, já alguma vez te sentiste discriminado/a?

Sim Não

Se sim, quais foram os motivos: (Escolhe até 3 opções)

por ser jovem

por ser homem/mulher

pelo meu estilo de roupa

pela minha religião

pela minha origem/país

pela minha cultura

pela minha orientação sexual

pela cor da minha pele

pela minha situação económica

Outro (Especifica) _____



6105

Onde é que te sentiste discriminado/a?

Lojas/Bares/Restaurantes

Escola

Trabalho

Bairro

Hospital/Centro de Saúde

Transportes Públicos

Instituições Públicas (Tribunal, Polícia...)

Bancos, Instituições financeiras

Outro (Especifica) _____



K) EXPECTATIVAS PARA O FUTURO

56- Em geral, como é que te sentes com a tua vida actual?

Insatisfeito Pouco satisfeito Satisfeito Muito satisfeito

57-Comparando a situação média dos jovens deste país, pensas que a tua situação é...

Pior Igual Melhor

58- Qual é o aspecto, da tua vida, que desejarias mudar no próximo ano?
(Escolhe apenas 1 opção)

Económico

Familiar

Estudos

Trabalho/Emprego

Situações legais

Relações pessoais



59- Queres que os teus filhos vivam em Portugal?

Sim Porquê? _____

Não Porquê? _____

Anexo D - Guião da entrevista - TRESEGY

Dimensões de análise	Operacionalização
A. Contexto actual	Quanto tempo levas em Lisboa? No Vale? Onde nasceste? Que nacionalidade tens? Sentes-te de Lisboa? De Portugal? Com quem moras?
B. Contexto de partida (próprio ou família) Origens sociais/territoriais: a) Local e data de nascimento b) Estrutura do agregado familiar c) Origens sociais e percursos escolares dos pais Recordações do país de origem?	<i>Gostava que começasses por me falar da tua infância e da tua família...</i> Onde nasceram os teus pais? Onde moravam? Com quem? Porque saíram do país de origem Qual a profissão dos pais? Frequentaram a escola? O que te lembras do país de origem? Família? Amigos? Os teus pais falam do país de origem? Que dizem?
C. A chegada e a transição	Te lembras da chegada? Como foi para ti? Como foi a adaptação? Á sociedade/família/escola/bairro Foste bem recebido? Como? Porque? Que impressões tivestes? Que coisas chamaram a tua atenção? Alguma coisa custou-te mais ou foi mais difícil?
D. Contexto de destino - A integração na nova sociedade a) Família b) Escola / Trabalho/inserção sócio-profissional (<u>Música/Dança</u> como saída laboral ou mobilidade ascendente)	Já dissestes que moravas com.... Das-te bem com os membros da tua família? Frequentas a escola? Como é o teu rendimento escolar / desempenho? Chumbaste? Problemas na escola? Relação com os professores? Professores são brancos? Relação com os colegas da escola? (No caso de ter assistido à escola no país de origem, perguntar as diferenças com a escola em Portugal? Problemas são os mesmos?)
c) Espaço [bairro(s); cidade(s); deslocações e mobilidade territorial	Gostas do teu bairro? Coisas que mais gostas? Coisas que menos gostas? O que as pessoas de fora do bairro pensam do bairro? Há problemas no teu bairro? Que tipo? Porque

	<p>existem esses problemas? Os problemas têm solução? Os vizinhos, as pessoas, dão-se bem? Existem grupos?</p>
<p>d) Cultura e sociabilidades</p> <p>Aspectos da cultura local que reteve Ajustamento / aquisição de hábitos e cultura locais;</p> <p>[para segunda geração] Conhecimento e contacto com elementos da cultura de origem dos pais</p> <p>Língua: Utilização do português/aprendizagem de outras línguas</p> <p>Cidadania Nacionalidade/Cidadania</p> <p>Religião</p> <p>Discriminação/Preconceitos</p>	<p>Os costumes no país de nascimento/dos pais eram diferentes? Que coisas? Foram mantidas? Que modos de ser e estar /costumes adquiriste? Quando chegaste tiveste dificuldade em adaptar-te a esses hábitos e costumes locais? Quais te chamaram mais a atenção? Diferentes hábitos entre homens e mulheres?</p> <p>Que contacto tens com o país de origem dos seus pais? Com as tradições, geografia, história, etc... Já visitaste o país dos teus pais? / Já voltaste alguma vez? Gostarias de voltar?</p> <p>Costuma falar em português? Que outras línguas fala? Em que contextos? Família, escola, rua, bairro</p> <p>Tens a nacionalidade portuguesa? Foi difícil? E tens a nacionalidade do país de origem dos teus pais? Estas afiliado a algum partido político? Acreditas na participação política ou em organizações?</p> <p>Tens alguma afiliação religiosa? És praticante? Costumas ir a missa ou ao serviço religioso?</p> <p>Alguma vez sentiu discriminado/prejudicado por ser português/de origem portuguesa? [Como? Onde? Porquê?]/Conhece pessoas que tenham sido discriminadas por serem portugueses/de origem portuguesa?</p>
<p>e) Sociabilidade</p> <p>Referente ao Workshop, porque escolheste esta actividade, porque te gosta tanto, que significa para ti a “dança”?</p>	<p>O que fazes nos teus tempos livre? Com quem? Quem são os teus amigos? São como tu? São diferentes? Os pais deles são como os teus? Sentes diferenças em relação aos teus amigos? Há grupos dentro do bairro? De que tipos?</p> <p>Costumas participar em festas ou acontecimentos festivos relacionados com as comunidades imigrantes ou de outro tipo?</p> <p>Participas como parte dessa cultura? Participas enquanto jovem? Pode descrever-me algumas dessas ocasiões?</p>

<p>f) Identidades/Representações</p> <p>Imagem de si (dupla ancoragem?) e dos portugueses</p> <p>Outras identidades étnicas/espaciais?</p>	<p>Sente-te português (ou ‘mais português ou mais...’)?</p> <p>O que significa para ti ser português aqui?</p> <p>O que significa ser imigrante aqui?</p> <p>Pertences à que comunidades? Vale? Margem sul? Lisboa? Portuguesa? Europa? Podem conviver estas identidades?</p> <p>Pertenças à cultura do país de origem dos pais?</p> <p>Porque é que te sentes mais do que</p>
<p>g-) O que significa ser jovem?</p>	<p>Há alguma coisa que te defina como jovem? Quais são as coisas mais importantes para ti como jovem?</p> <p>O que diferença um jovem dos adultos?</p> <p>Como te sentes como jovem português ou em Portugal?</p> <p>Os jovens são <u>respeitados</u>? Porque?</p>
<p>h-) Discriminação / Racismo</p>	<p>Achas que existe racismo em Portugal? E no Vale?</p> <p>Quem são racistas? Porque?</p> <p>E, existe discriminação?</p> <p>Quem é discriminado? Por quem?</p> <p>Os jovens, são discriminados? Porque? Por quem?</p> <p>São todos discriminados ou há grupos de jovens que são mais discriminados?</p> <p>E, existe discriminação por serem rapazes ou raparigas? Como?</p> <p>Que coisas contam no momento da discriminação? (bairro, origem, cor, raça, pobreza, etc.)</p>
<p>g-) Futuro/expectativas</p> <p>Que expectativas tens para o futuro?</p>	<p>Quais são os teus objectivos?</p> <p>Acabar um curso? Qual?</p> <p>Que tipo de emprego gostavas ter? Achas que vais conseguir?</p> <p>A tua situação e vida, serão melhor que a dos teus pais?</p> <p>Onde pensa que estarás em 10 anos? Onde morarás?</p> <p>Gostavas de ter uma família? E viver no Vale? (sim/não, onde?) Gostavas continuar a viver em Portugal? Porque?</p> <p>Que coisas ou posses (coisas materiais ou não materiais) são importantes para ti para ser uma pessoa de sucesso?</p>

Anexo E – Fichas de caracterização dos jovens entrevistados

Nome: Alegria Gomes

Sexo: M [] F [X]

Idade: 18 Ano de Nascimento: 1990

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Guiné-Bissau

Origem: Guineense (Mãe e Pai)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: No

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 21/7/2007

Redes/contactos em Portugal: Mãe e irmãs

Membro de alguma associação: Sim [] Não [X]

Data: 02/09/2008

Observações:

- Assiste a 3 disciplinas do 12º ano da Escola Secundária da Baixa da Banheira
- Fala crioulo (Guiné) e manyaco na casa (Pertence a etnia Manyaco da Guiné)
- Não tem nacionalidade portuguesa, a mãe e as irmãs sim tem, ela está a tratar falta lhe o certidão de nascimento que já esta vencido
- A mãe trabalha no Refeitório do Hospital Santa Maria, o pai vive na Inglaterra, mas não tem muito contacto com elas
- Tem muitas saudades da Guiné, de suas amigas, namorado, avós, tias e primas
- Há pouco tempo que chegou a Portugal (só um ano) directamente ao Vale a viver com a mãe e as irmãs menores que fazia 9 anos que não veia, ao inicio não gosto e tinha muitas saudades da Guiné, ainda não se tem adaptado a mudança de país, as maiores dificuldades são a língua e não ter amigas como tinha lá.
- Gosta muito de jogar futebol, joga na rua atrás do seu prédio como os rapazes
- Diz que existe racismo em Portugal, mas ela nunca se sentiu discriminada, ela não liga a essas coisas, não leva ao peito, porque não todas as pessoas são iguais, se alguém é simpático, ela liga, se não, não se importa e não liga
- Sente se mais que nada da Guiné
- Quer estudar Medicina ou técnica de análise clínico no futuro
- Quer viver onde possa fazer a sua vida, se em Portugal a vida não corre bem, volta para Guiné, gostaria de ter uma casa na Guiné
- Fez inscrições na loja Zara e no Telepizza e MacDonalDs para trabahlar depois da escola de 7 ás 9 da noite, mas ainda não tem tido resposta
- È muito simpática e aberta para falar, ela falou muito da sua vida na Guiné

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Tatiana

Sexo: M [] F [X]

Idade: 18 Ano de Nascimento: 1993

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal / Almada

Origem: Avó materna nasceu em Cabo Verde, mãe nasceu em Portugal e pai nasceu na Guiné Bissau

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: No

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Mãe, Avó, irmãs, tias (Primos e tias nos USA)

Membro de alguma associação: Sim [] Não [X]

Data: 03/09/2008

Observações:

- Assiste ao 10 ano da Luísa Guzmán em Lisboa (perto de Santa Apolónia) Foi a mãe que escolheu a escola em Lisboa para estar perto deles. A mãe trabalha em Lisboa nas limpezas na Casa Pia
- Moro 3 anos em Espanha em Madrid
- Fala sempre português, só a avó fala crioulo, a mãe, os irmãos e ela não
- Tem nacionalidade portuguesa, a mãe e os irmãos também
- Sente se muito portuguesa, a suas amigas da Escola são portuguesas e gosta e passa muito tempo com elas lá em Lisboa, gosta mais da Margem Sul para viver porque é mais tranquila, gosta mais de Barreiro que do Vale porque tem mais coisas

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Vânia

Sexo: M [] F [X]

Idade: 20 Ano de Nascimento: 1988

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal / Setúbal

Origem: Mãe e Pai nascerem em Cabo Verde

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: No

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Tios, Irmãos,

Membro de alguma associação: Sim [] Não [X]

Data: 03/09/2008

Observações:

- Assiste ao 11 ano da Escola Secundária da Baixa da Banheira
- Fala português e crioulo na casa com a avó
- Não tem nacionalidade portuguesa, há 10 anos que tenta a nacionalidade e não consegue, sempre está a faltar algum papel.
- Nunca saio do país por causa dos documentos, gostaria de ir a Cuba e Brasil por causa da música e da dança
- A mãe é doente, deixo a escola porque teve que trabalhar, foi numa churrasqueira do tio em Setúbal agora regresso para acabar até 12 ano e depois estudar dança, para ser professora de dança, também gostaria de trabalhar com crianças
- Gosta do Vale, mas reconhece que há muitos problemas com as drogas e os assaltos, "...há grupos que fazem mal... onde foi apanhado meu irmão que está num colégio reformatório em Lisboa." Gosta mais de Setúbal, onde morava antes e tinha uma barraca de madeira com jardim, conhece muita gente lá, o pai e a madrastra que é brasileira moram lá e ela vai passar com ele todos os fins de semana.
- Sente se portuguesa e de Cabo Verde, mas não gosta da gente que está todo o tempo a reivindicar sua origem de Cabo Verde acima de tudo.
- Falo muito das diferentes danças que aprendi-o, de diferentes grupos de Lisboa, de Cuba, de Cabo Verde, de quando substitui a professora de dança na escola, também de teatro, de obras de teatro que fizeram para crianças e ela participo, contou a sua experiencia de teatro, gosto muito, mas é só um passatempo, gosta mesmo de dançar

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Ana Margarita

Sexo: M [] F [X]

Idade: 16 Ano de Nascimento: 1992

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal / Barreiro

Origem: Mãe nasceu no norte de Portugal em Vila Real e o pai nasceu em Cabo Verde. Filha de um casamento misto (mãe é branca e pai negro)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: No

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Família da mãe é do Norte e irmãos e tios do pai

Membro de alguma associação: Sim [] Não [X]

Data: 19/09/2008

Observações:

- Assiste ao 11º ano da Escola Augusto Cabrito em Barreiro, fez a primária e até 9 ano na Escola da Baixa da Banheira
- Fala só português, o pai fala crioulo, elas percebem mas não falam.
- Tem nacionalidade portuguesa e os três irmãos maiores também o pai também por causa da mãe
- A mãe não gosta do bairro, foram viver lá por causa do pai, por isso a mãe manda a elas a escolas fora do Vale. Agora para o ano vão morar para Aveiro porque a casa é maior, estão mais perto dos avos e as escolas são melhores e elas vão a ter mais oportunidades (é o que diz a sua mãe)
- A mãe não trabalha, está na casa o pai é condutor das máquinas nas obras e o irmão maior (23 anos) foi por três meses trabalhar para Ucrânia nas obras
- Nunca chumbo na escola, mas diz que os professores preferem os “branquinhos” na sua escola não há muitos negros
- Gosta do bairro porque tem amigos lá, mais diz que há muitos assaltos e a gente é muito barulhenta e suja, muitas vezes estão bêbados e partem os vidros e há muitas brigas não há parques, as crianças estão sempre na rua sozinhas porque os pais não tem tempo para elas, não há espaços verdes e os vizinhos são muitos sujos, deitam o lixo todo fora, não tem respeito por o bairro. Agora tem passado mais a policia então estão mais sossegados
- E católica e participa e canta no coro da Igreja da Baixa da Banheira, até 10º ano formara parte de um grupo da Igreja que faziam actividades no bairro
- Gosta muito de desporto, futebol, joga na escola, basket e natação, sair a correr
- Sente se portuguesa, embora sempre perguntem lhe se é de Cabo Verde por causa do cabelo e do cor da pele, ela chateia-se com isso e diz que a sua mãe é branca
- Há muito racismo em Portugal e muita discriminação na escola, ela já teve uma briga com uma colega da escola branca que chamou-lha preta, mas depois da briga, falaram e continuam amigas. Também há muita discriminação no Vale com os ciganos
- Quer ter um restaurante só dela ou estudar hotelaria, está a tirar um curso de Línguas onde tem espanhol, o tio tem um restaurante e ela vai trabalhar lá
- Trabalho num posto de venda de faturas nas Festas do Vale durante 4 dias e também em Lisboa distribuindo panfletos com a amiga Cristina (mais ainda não lhe pagaram e foi a dois meses)

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Jacinta

Sexo: M [] F [X]

Idade: 18 Ano de Nascimento: 1990

Bairro de residência: Barreiro há 2 anos. Antes morava no Vale

País de nascimento: Angola

Origem: Angola (Pai e Mãe)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: No

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 1992

Redes/contactos em Portugal: Avós, tios, primos

Membro de alguma associação: Sim [] Não [X]

Data: 23/09/2008

Observações:

- Assiste ao 12 ano da Escola Secundária de Santo André no Barreiro. A primária e até o 9 ano fez no Vale da Amoreira (Escola Primária e Escola 2+3)
- Fala só português
- Tem nacionalidade portuguesa, mas os quatro irmãos maiores de idade não tem ainda a nacionalidade. Ela tem por causa do pai.
- Ambos pais trabalham, a mãe é enfermeira e o pai é advogado e dá aulas na faculdade
- Tinha só 2 anos quando chegou de Angola e não se lembra de lá, logo voltou a ir, mas não se sente totalmente de lá nem totalmente portuguesa.
- Mudaram há dois anos para Barreiro porque a mãe não gosta do Vale, porque há muitos assaltos, muita droga e muitas brigas. Para ela fez confusão mudar lá porque as suas amigas são todas do Vale, onde conhece a toda a gente, no Barreiro não se sente bem, é mais difícil também por a discriminação, os comentários racistas na sua escola, ela é a única negra da turma, no Barreiro não estão habituados aos negros e pensam que são todos delinquentes, a gente é mais fechada e são mais velhos
- Gosta muito do Vale porque sempre teve bons amigos lá, mas diz que há grupos que brigam entre eles e não se dão bem (grupos que pertencem a diferentes zonas, Fundo de fomento, Carecas, Princesa)
- Trabalho dentro do projecto Educarte com Cristina na Escola do Mato durante as férias, foi uma boa experiência
- Não se identifica com a imagem como se caracteriza o Vale como o “*fim do mundo*”, mas “*eu sou de aqui*”
- Em Portugal há muito racismo, eles são muito xenófobos, não gostam de nada que vêm de fora, é por causa de ter ficado fechados muito tempo, durante a época de Salazar
- Quer estudar análise clínica ou qualquer coisa que tenha a ver com a saúde e abrir um laboratório de análises em Angola, se tiver as bases de trabalho e família quer ir morar a Angola e ...*fazer a revolução*

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Cythia

Sexo: M [] F [X]

Idade: 20 Ano de Nascimento: 1988

Bairro de residência: Massamá. Passa todas as suas férias no Vale da Amoreira na casa da sua tia com as suas primas

País de nascimento: Angola

Origem: Angolano (Pai e Mãe)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: No

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 2000

Redes/contactos em Portugal: Pai, Avós, Tios maternos

Membro de alguma associação: Sim [] Não [X]

Data: 24/09/2008

Observações:

- Assiste a Escola Stuar de Carvalhal em Massamá (mora em Massamá)
- Fala só português
- Não tem nacionalidade portuguesa, mas tem a residência, em 3 anos vai pedir a nacionalidade, agora com a residência não tem tido nenhum problema, mas a nacionalidade é importante para arranjar trabalho e para ir estudar fora
- Veio a Portugal quando faleceu a mãe a morar com a tia
- O pai mora na Angola e é político, ela vai lá cada dois anos e o pai vem todos os anos a Portugal a consulta médica que tem.
- As escolas em Angola não tem muita qualidade, mas a dela sim, então tive sorte e não tive dificuldades nem noto diferença quando entro na escola em Portugal
- Gosta mais do Vale que de Massamá, porque conhece mais gente, tem muitos amigos cá e todos os seus primos. Em Massamá a gente é muito mais fechada, não se vive como comunidade
- Trabalho 2 meses em Telemarketing em TMN, mais não gosto nada, só fez porque precisava do dinheiro, eles enganam a gente com aquelas promoções
- Não se sente de lado nenhum, em Portugal angolana e em Angola portuguesa
- Há muita discriminação em Portugal na escola, para conseguir emprego, nas lojas, mesmo na rua, a gente tem muitos preconceitos com os negros. Nas aulas de Ballet são só colegas brancas e falam mal dos negros (Chelas)
- Gostaria de estudar direito na Faculdade em Lisboa ou Coimbra e trabalhar em projectos na área dos Direitos Humanos. Quer morar onde tenha um bom trabalho, pode ser Angola, Cabo Verde, Brasil ou EEUU, não se importa de morar em Portugal, mas prefere sair.

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Deyamira

Sexo: M [] F [X]

Idade: 15 Ano de Nascimento: 1993

Bairro de residência: Massamá. Todas as férias passam no Vale da Amoreira na casa da sua tia com as suas primas

País de nascimento: Portugal

Origem: Angolano (Pai e Mãe)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: No

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Avós, Tios maternos

Membro de alguma associação: Sim [] Não [X]

Data: 24/9/2008

Observações:

- Assiste a Escola Secundária Stuar de Carvalhal em Massamá
- Fala só português
- Tem nacionalidade portuguesa através do pai que tinha angolana/portuguesa
- Ambos pais trabalham, a mãe é médica e o pai é advogado
- Há racismo em Portugal, sente se nas lojas e também na rua, também com os brasileiros e os de países de Leste
- Sente se mais angolana, embora tenha nascido cá, gosta de dançar, rir, estar na rua com amigos, há gente lá é menos preconceituosa que em Portugal e quando viaja lá se sente mais a vontade
- Gostaria de ter uma vida artística cantar e dançar, mas antes vai acabar o secundário e tirar um curso de aeromoça, quer começar trabalhar disso para arranjar dinheiro e depois dedicar o seu tempo a dança e canto
- Gostaria de morar nos EEUU ou na Itália, não gosta muito de Portugal, ás pessoas são muito fechadas e não dão oportunidades á gente de outros lados

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Nelson

Sexo: M F

Idade: 26 Ano de Nascimento: 1982

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal

Origem: Angolana e Cabo-verdiana

Estado Civil: Solteiro

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Família (tios, mãe, primos)
(pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: Associação Amaangola – não oficial

Data: 01/09/2008

Observações:

- Tem família angolana e cabo-verdiana (parte do pai é Angolana e parte da mãe é cabo-verdiana);
- A questão da identidade foi especialmente invocada porque como nasceu em Portugal e ainda não tem nacionalidade portuguesa sente-se revoltado porque não pode votar, ir á tropa e mesmo no hospital é discriminado. A ideia de que é visto como estrangeiro e imigrante e não como português pela falta de documentação acaba por ter um peso muito grande na sua vida. Por exemplo, quando este assunto surge com alguns amigos que têm nacionalidade portuguesa gera-se uma tensão muito grande porque não dão valor.
- A questão da socialização foi mencionada de duas formas: na rua um género de uma “casa virtual” ou na sua antiga casa que tinha uma cave onde ele recebia os amigos. Deu-lhe o nome de “Suite” e era um espaço onde conseguia reunir 10 amigos para jogarem Play - Station, xadrez, ver filmes e ouvir música.

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Madail

Sexo: M [] F [X]

Idade: 16 Ano de Nascimento: 1991

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal

Origem: São Tomense (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Pais (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim [] Não [X]

Quais: _____

Data: 01/09/2008

Observações:

- Reforçou a necessidade de se tornar independente e a necessidade de sair do Vale para estudar e posteriormente trabalhar. Também salientou que não tem muitos amigos e isso talvez esteja relacionado com o facto de a mãe não a deixar sair de casa à noite para conviver. A questão da emancipação é muito importante para ela;
- Deu alguns exemplos de racismo que já sofreu: transportes públicos e quando necessitou de perguntar uma indicação na rua;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Solange

Sexo: M [] F [X]

Idade: 16 Ano de Nascimento: 1992

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Guiné-Bissau

Origem: Guineense (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 2002

Redes/contactos em Portugal: Mãe (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim [] Não [X]

Quais: _____

Data: 01/09/2008

Observações:

- Bastante comunicativa e simpática (está sempre a rir);
- Mudou-se para o VA á dois meses. Anteriormente viveu no Carregado e a razão da mudança foi porque a mãe veio com o padrasto para o VA. Das poucas comparações que fez sobre os dois locais foi que o VA em termos de estrutura é pior do que o Carregado mas que em termos de amizade prefere o VA porque considera as pessoas mais chegadas;
- A mãe é muito importante e não tenciona deixar a casa da mãe tão cedo porque diz que a mãe precisa dela;
- Considera-se numa fase de adaptação ao VA mas já tem muitos amigos;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Mohamed

Sexo: M F

Idade: 27 Ano de Nascimento: 1981

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Guiné-Bissau

Origem: Guineense (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteiro

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 2005

Redes/contactos em Portugal: Tias, mãe e amigos

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: _____

Data: 02/09/2008

Observações:

- Em termos de mobilidade poderá ser dos jovens que mais viajou porque o pai é diplomata. Veio para Portugal em bebé com a mãe porque os pais separaram-se. Falou muito da sua família em termos de não se achar culpado pela família estar separada porque quando ele nasceu já os pais tinham problemas;
- Foi obrigado a deixar a mãe aos 8 anos e ir para outro país com o pai e a madrasta. Falou que a sua educação da parte do pai foi muito rigorosa porque havia sempre a questão de mostrar que os negros também são educados e honestos;
- Possivelmente a religião evangélica também o influenciou porque a madrasta era muito religiosa;
- Frequentou a universidade mas por motivos de droga o pai mandou-me de volta para a mãe e desde então tem vivido no VA e encontra-se perdido porque não sabe bem o que fazer da vida;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Fábio

Sexo: M F

Idade: 20 Ano de Nascimento: 1988

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal

Origem: Angola e Cabo-Verde (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteiro

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Pais, Tios, Avós (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: _____

Data: 02/09/2008

Observações:

- Não é muito falador mas é simpático;
- Não tem grandes interesses e para ele o mais importante de momento é conviver com os amigos e sair à noite. A questão dos amigos foi a mais invocada em toda a entrevista;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Edson

Sexo: M F

Idade: 20 Ano de Nascimento: 1988

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: São Tomé

Origem: São Tomense (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteiro

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 2000

Redes/contactos em Portugal: Pai e Tios (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: Associação Moitense Amigos de Angola

Data: 04/09/2008

Observações:

- A mãe ficou em São Tomé e desde que veio para Portugal nunca mais a viu e tem pouco contacto com ela. A questão da saudade foi salientada;
- Vive com o pai, madrasta e irmãos;
- Escuta o pai e por isso considera importante acabar o 12ºano (curso técnico profissional) para poder encontrar um trabalho;
- No último ano lectivo recebeu bolsa de mérito como melhor aluno (1000 euros);
- Faz parte de um grupo de música hip hop chamado “Key Money” mas não pensa fazer disso carreira. Pelo menos por enquanto, a não ser se conseguisse apoios;
- Bastante maduro e preocupado com o futuro e com objectivos delineados;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Bruno

Sexo: M F

Idade: 18 Ano de Nascimento: 1990

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal

Origem: Angolano/ Português (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteiro

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Avós, Mãe (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: Associação Moitense Amigos de Angola

Data: 04/09/2008

Observações:

- Acabou o 12º ano mas não concorreu para a universidade porque não decidiu que carreira seguir e porque não teve grandes incentivos para ir porque a família não tem possibilidades económicas;
- Inscreveu-se num curso através do centro de emprego para ver se consegue especializar-se em alguma coisa e ao mesmo tempo receber. No entanto também considera a possibilidade de trabalhar em “call centre” ou trabalhos temporários para juntar dinheiro e depois poderá considerar candidatar-se à universidade. Um dos cursos que possivelmente gostava de tirar era de assistente social isto porque vê a quantidade de pessoas que vêm de fora para fazer parte de projectos supostamente para melhorar o VA;
- Consciente dos problemas e dos condicionalismos do VA e por isso pondera a possibilidade de fazer esse curso e poder trabalhar no VA;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Paula

Sexo: M F

Idade: 15 Ano de Nascimento: 1993

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal

Origem: Angolana/ Portuguesa (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Pais, tios, primos (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: Associação Moitense Amigos de Angola

Data: 04/09/2008

Observações:

- É a mais nova de todos os entrevistados por isso os assuntos mais falados foram: os amigos, o convívio no bairro, a escola e a família;
- Em termos da escola falou muito nos amigos e da facilidade em fazer amigos;
- Em termos da vida no bairro falou que gosta mas tem noção dos problemas (tráfico de droga e outras coisas ilegais) e das rusgas a que já assistiu mas não é por causa disso que pensa deixar o bairro. Está habituada e não se importa;
- Relativamente à família diz que não pretende deixar os pais tão cedo e aliás espera a partir dos 18 anos poder começar a trabalhar e poder ajudá-los porque tem grande apreço por eles;
- Para ela a universidade não é importante porque na família não tem ninguém que dê esse exemplo. Antes prefere fazer um curso técnico profissional ou arranjar um trabalho qualquer. No entanto, quando se perguntou que tipo de trabalho gostaria de ter salientou que gostava de trabalhar com jovens deficientes ou com toxicod dependentes porque gostava de ajudá-los e tentar percebê-los;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Tatiana

Sexo: M F

Idade: 18 Ano de Nascimento: 1990

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal

Origem: Angolana/ Portuguesa (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Pais, tios, primos (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: Associação Moitense Amigos de Angola

Data: 11/09/2008

Observações:

- Tem sido bastante influenciada pelo pai e menos pela mãe. Chegou a comentar que a mãe considera-se portuguesa em vez de Angolana porque veio para Portugal muito nova. Contrariamente, o pai que também nasceu em Angola mas veio com 11 anos para Portugal por motivos da guerra passa muito tempo a falar da vida que teve em Angola e o quanto é importante voltar para lá. Por esse motivo quando se colocou a questão considera-se mais portuguesa ou angolana ela não sabe ao certo o que dizer. Diz identificar-se mais com a cultura africana porque em sua casa a mãe cozinha as comidas típicas e ouve-se bastante música africana. Considera-se portuguesa porque nasceu cá.
- Relativamente á escola focou a questão de desmotivação e que não conseguia acompanhar as aulas. Achou o 10º ano bastante difícil. Surgiu a possibilidade de se inscrever num curso técnico profissional porque espera ser mais fácil, é remunerado, equivale ao 12º ano, e segundo ela aprende mesmo uma especialidade e pensa vir a ser mais fácil arranjar emprego;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Jurema

Sexo: M [] F [X]

Idade: 19 Ano de Nascimento: 1989

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Angola

Origem: Angolana (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 2000

Redes/contactos em Portugal: tios, avós e primos (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim [X] Não []

Quais: Associação Moitense Amigos de Angola

Data: 11/09/08

Observações:

- Como viveu em Angola das primeiras coisas que fez foi comparar Luanda com o Vale da Amoreira. Disse que Luanda é muito mais stressante e o Vale é um sossego. Não se importa se o VA tem problemas porque considera que Luanda é muito pior;
- Adaptou-se bem ao VA porque tinha primos e tios já a viver em Portugal e não foi difícil fazer amigos. Vive com os avós porque os pais ficaram em Angola e não pretende voltar;
- Como desistiu de estudar inscreveu-se num curso técnico profissional relacionado com a qualidade. Espera com isso poder fazer o 12º ano e arranjar um trabalho que mesmo que seja fora do VA irá sempre viver lá;
- Não tem nacionalidade portuguesa mas isso por enquanto não a preocupa;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Ricky

Sexo: M F

Idade: 23 Ano de Nascimento: 1985

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Cabo Verde

Origem: Cabo -Verdeano (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteiro

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 2001

Redes/contactos em Portugal: Mãe, irmãos (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: _____

Data: 15/09/2008

Observações:

- Veio para Portugal com 15 anos ter com a mãe e a irmã. Mesmo tendo o pai em Cabo Verde foi criado por uma vizinha até vir para Portugal. Estudou em Cabo Verde e disse que os professores são muito mais exigentes em relação a Portugal;
- Quando veio para Portugal adaptou-se bem á escola e aos amigos. Nunca teve problemas porque também nunca se quis meter em confusões;
- Na escola era um aluno médio mas a razão que o fez desistir da escola foi o trabalho em part time que a irmã lhe arranjou nas férias e que ele mesmo depois de a escola ter começado continuou a trabalhar. Chegou uma altura em que o dinheiro foi mais aliciante;
- Em termos de convívio e relação com as pessoas no VA disse que é muito diferente de Cabo Verde. Considera que as pessoas no VA não estão interessadas em ajudar o próximo, é cada um por si ao passo que em Cabo Verde existe mais união. No entanto, só quer ir a Cabo Verde de férias porque pensa adquirir mais experiência e ganhar mais dinheiro em Portugal e só na velhice regressar e abrir algum negócio;
- O seu próximo passo é tentar a nacionalidade portuguesa porque já está há mais de 3 anos em Portugal e a trabalhar. Pensa que vai conseguir e espera com isso ter acesso a mais oportunidades;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Tânia

Sexo: M [] F [X]

Idade: 21 Ano de Nascimento: 1987

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Angola

Origem: Angolana/ Portuguesa (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteira

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 1994

Redes/contactos em Portugal: Tios (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim [X] Não []

Quais: Associação Moitense Amigos de Angola

Data: 16/09/2008

Observações:

- Bastante comunicativa e bastante madura talvez porque já não vive com os pais;
- Deixou de estudar e fez um curso técnico profissional de administração em Lisboa. Gostou muito da experiência com os professores e alunos porque sentiu que os professores os tratavam como adultos e com respeito.
- Comparou a forma de ensino em Portugal com a forma de ensino em Angola e disse que os professores em Angola eram mais rigorosos e de certo modo autoritários porque batiam nos alunos. Aconteceu isso uma vez com ela e o professor era angolano. Ela salientou que por vezes existe mais racismo entre os negros do que entre negros e brancos;
- Relativamente à vida que teve em Angola e à vida que tem em Portugal disse que a família vivia bem porque ambos os pais trabalhavam e eles viviam num bairro chamado Makulusso que era composto só por vivendas. Para além disso, não tinham que pagar nem água nem electricidade como em Portugal. Segundo ela, só isso faz uma grande diferença porque esse dinheiro reverte para outras coisas.
- Focou também a questão da nostalgia da mãe sobretudo aos domingos porque era quando as pessoas iam com as famílias fazer piqueniques na praia. Mencionou que para a mãe foi muito difícil a adaptação porque tinha um emprego razoável em Luanda como vendedora de automóveis na Mercedes e quando veio para Portugal nunca conseguiu trabalhar na mesma área e teve que sujeitar-se a outra área, ou seja, cozinha. Ela em relação a esta situação mencionou que em Portugal ainda se vive a mentalidade de que os negros continuam a ser vistos como escravos e não têm direito a assumir trabalhos mais qualificados. Por esse motivo, os pais só conseguiram trabalhar em áreas não qualificadas;
- Identifica-se mais com a cultura africana do que com a cultura portuguesa porque o convívio, a forma das pessoas se darem, o modo de falar despreocupado é uma coisa que ela só sente quando está no VA. Diz que quando sai do trabalho é um alívio e é como se tirasse uma máscara porque no trabalho tem que falar bem português e ter em atenção a sua postura;
- Tem dupla nacionalidade porque o avô era português e quando chegou a Portugal o pai tratou logo dos papéis para legalizar as filhas. Diz que isso facilitou imenso na procura de trabalho e até mesmo na possibilidade de fazer o curso técnico profissional. Relativamente a esse aspecto comentou que provavelmente quem não tem papéis mesmo que tenham sido aceites em alguns trabalhos ou cursos, quando são confrontados com papéis, rapidamente são discriminados e acabam por ser rejeitados;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Dino

Sexo: M F

Idade: 20 Ano de Nascimento: 1987

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: Portugal

Origem: Cabo Verdeano (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteiro

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: -----

Redes/contactos em Portugal: Pais (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: _____

Data: 18/09/2008

Observações:

- O Dino vive no VA há sensivelmente 3 anos e anteriormente viveu no bairro 6 de Maio. A razão da mudança foi por questões familiares e ele como era menor de idade teve que vir também mas fez questão de dizer que se na altura fosse maior de idade ele nunca teria saído do bairro 6 de Maio. Disse que as pessoas são diferentes, mais unidas e identifica-se mais com as pessoas de lá. Um dos exemplos que deu foi o facto de no bairro se falar sempre crioulo;
- Ele gosta do VA mas não sente a mesma relação de união com as pessoas como no antigo bairro e por esse motivo disse que se pudesse voltava para lá mesmo sem a família porque tem muitos amigos;
- A forma como ele diferenciou os bairros foi dizendo que o bairro 6 de Maio é “um bocadinho de Cabo Verde” que foi trazido para Portugal, ao passo que no VA é tudo mais ocidentalizado;
- A escola para ele acabou no 10º ano quando começou a ter más notas e por pressão do pai. Segundo ele o pai sempre o pressionou a encontrar trabalho e a abandonar a escola o mais cedo possível mas a mãe é que tentou travar isso mas depois não conseguiu mais;
- Já trabalhou nas obras e como serralheiro e disse que o trabalho que mais gostou foi o de serralheiro porque gostou mesmo de aprender o ofício e para além disso ganhava bem o que dava para sair á noite e ajudar em casa;
- A relação familiar não é muito boa especialmente com o pai que sempre o fez sentir mal. Ele disse que as conversas com o pai não passam de coisas como “vai despejar o lixo” e cumprimentos “bom dia”;
- Tem orgulho na mãe e por isso de momento sente-se mal por não estar a trabalhar e não puder ajudar em casa. Para além disso, o facto de não ter dinheiro também o impede de sair à noite, ou seja, conviver com os amigos;

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

Nome: Gonçalo

Sexo: M F

Idade: 20 Ano de Nascimento: 1988

Bairro de residência: Vale da Amoreira

País de nascimento: São Tomé

Origem: São Tomense (nacional, Angolano, etc.)

Estado Civil: Solteiro

Nº de Filhos: 0

Data de chegada no caso de ser estrangeiro: 1996

Redes/contactos em Portugal: Tio, Pais (pais, tios, etc.)

Membro de alguma associação: Sim Não

Quais: _____

Data: 18/09/2008

Observações:

- Bastante comunicativo e com um vocabulário mais cuidado comparativamente com outros jovens com a mesma idade;
- O motivo que o trouxe para Portugal foi porque ele com 8 anos brincou com o fogo e ficou com uma queimadura de terceiro grau. Esteve bastante mal, em coma e ainda lhe falta fazer uma última cirurgia plástica;
- Inicialmente veio para Portugal apenas com o pai mas depois por pressão dele, faltava à escola, desobedecia ao pai, para tentar que o pai fosse buscar a mãe a São Tomé;
- Na escola sempre foi um aluno razoável e sempre se deu bem com os professores. De momento está a acabar um curso técnico profissional na área de auxiliar de educação porque diz que gosta de crianças. Pretende com isto arranjar um trabalho melhor mas admite que é preciso muito trabalho. Tem como exemplo de sucesso o tio e no futuro pretende ser como o tio que é engenheiro. No entanto, não pensa ir para a universidade porque diz que não tem capacidades para isso;
- Relativamente às amizades e espaços para confraternizar diz que o VA tem muito poucas condições e por causa disso quando tiver oportunidade quer ir para fora. Gostava de ir para a Noruega porque quando era pequeno conheceu uma rapariga que lhe falou muito bem de lá e ele ficou com isso na cabeça. Pelo menos diz que lá as pessoas devem ser mais civilizadas;
- Quanto a questões de discriminação salientou que para ele não é tanto a cor mas a forma como as pessoas falam. Muitas vezes fala com pessoas que considera suas amigas mas que por vezes atiram umas “bocas” que não são propriamente as mais inocentes mas geralmente tenta ignorá-las. Outro exemplo que enunciou para explicar a questão da discriminação foi o facto de devido ao acidente ter tido o pescoço colado e por isso alguns jovens gozavam com ele, no entanto ele tentou sempre ignorar;

└